

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
FACULDADE DE LETRAS

ANTONIETA APARECIDA LIMA CIARA

**A ESCRITA DE CRÔNICAS PARA DIVULGAÇÃO EM RÁDIO: uma proposta de
estímulo à produção textual**

Belo Horizonte

2021

ANTONIETA APARECIDA LIMA CIARA

A ESCRITA DE CRÔNICAS PARA DIVULGAÇÃO EM RÁDIO: uma proposta de estímulo à produção textual

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em LETRAS/MP da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em LETRAS.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Belo Horizonte

2021

C566e

Ciara, Antonieta Aparecida Lima.

A escrita de crônica para divulgação em rádio [manuscrito] : uma proposta de estímulo à produção textual / Antonieta Aparecida Lima Ciara. – 2021.
1 recurso online (80 f. : il., fots., color.) : pdf.

Orientador: Luiz Francisco Dias.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras

Bibliografia: f. 9-60.

Anexos: f. 61-76.

Apêndices: f. 77-80.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1.Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Métodos de ensino – Teses. 3. Produção de textos – Teses. 4. Gêneros textuais – Teses.
I. Dias, Luiz Francisco. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.
III. Título.

CDD : 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO PROFISSIONAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

A ESCRITA DE CRÔNICAS PARA DIVULGAÇÃO EM RÁDIO: UMA PROPOSTA DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO TEXTUAL

ANTONIETA APARECIDA LIMA CIARA

Trabalho de Conclusão submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em LETRAS, área de concentração LINGUAGENS E LETRAMENTOS.

Aprovado em 08 de outubro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof. Luiz Francisco Dias - Orientador

UFMG

Prof. Leiva de Figueiredo Viana Leal

UFMG

Prof. Nádia Dolores Fernandes Biavati

Universidade Federal de São João del Rei

Belo Horizonte, 08 de outubro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 08/10/2021, às 18:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Francisco Dias, Professor do Magistério Superior**, em 15/10/2021, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nadia Dolores Fernandes Biavati, Usuário Externo**, em 10/03/2022, às 13:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1013158** e o código CRC **40CFEBB6**.

"Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias."

Paulo Freire (1983, p. 16).

AGRADECIMENTOS

Durante essa caminhada, foram muitos obstáculos que precisei enfrentar, mas a cada obstáculo que surgia, Deus colocava pessoas no meu caminho para me ajudar a superá-los. Chegou o momento de agradecer por cada ajuda que me foi oferecida, cada palavra de incentivo.

Primeiramente, agradeço a Deus, pois, sem Ele, eu nada seria. Obrigada, Senhor, por ter aberto mais uma porta em minha vida e por me manter no caminho da retidão e da humildade.

Abaixo de Deus, agradeço a minha mãe, por ter lutado sozinha e incansavelmente para criar a mim e aos meus irmãos. Só cheguei até aqui, porque ela sempre foi o meu sustento, a minha luz, o meu exemplo. Apenas aqueles que já viveram o que eu vivi conseguirão compreender tamanho amor e admiração.

Um agradecimento muito especial ao meu pai, que, mesmo não estando ao meu lado, vive dentro de mim. Acredito que aqueles que me olham nos olhos encontram o melhor dele que vive em mim.

Agradeço ao meu esposo Gilvane, pelo apoio incondicional, pela confiança e pela lealdade. Meu grande amor, meu amigo, meu aliado, obrigada, por fazer parte da minha história.

Muito obrigada, minha princesa Sther, mesmo sendo só uma criancinha, conseguiu compreender o porquê da minha ausência. Eu venci por você e com você.

Não sei se conseguirei expressar, aqui, a minha imensurável gratidão ao meu irmão Rogério, minha cunhada Saionara e meu sobrinho Bernardo, que me acolheram em sua casa durante todo o ano de 2019. Muito obrigada, por tudo o que fizeram por mim, espero um dia poder retribuir todo o carinho e o afeto que me foram oferecidos durante todo esse tempo.

Agradeço aos meus irmãos Renato e Alex, que sempre estiveram ao meu lado e nunca mediram esforços para me ajudar.

Jamais deixaria de agradecer a minha comadre Rosa, a Vanda e a minha sogra, por cuidarem tão bem da minha pequena Sther, durante minha ausência.

Aos meus amigos que trabalharam comigo na Prefeitura Municipal de São Pedro do Suaçuí, obrigada, por compreenderem o meu estresse semanal, em decorrência das noites mal dormidas. Obrigada, pelo carinho, pela disposição em me ajudar.

Agradeço à equipe da E.E. João Pinheiro, de maneira especial, ao diretor Luís Carlos, pelo apoio incondicional dentro da escola.

Agradeço ao meu orientador, Professor Luiz Francisco, por ter escolhido o meu projeto, por me orientar, corrigir e ensinar com tamanha precisão e gentileza. Foi uma honra tê-lo como meu orientador.

Agradeço à Professora Doutora Leiva Leal, por ter me mostrado o caminho por onde eu deveria percorrer. Professora Leiva, a quem eu carinhosamente refiro-me como minha fada madrinha, obrigada, pelas palavras de incentivo e inúmeras demonstrações de carinho.

À professora Nádia Dolores, o meu muito obrigada, pelas valiosas considerações durante a banca de qualificação.

Agradeço aos professores do PROFLETRAS-UFMG, pelos valiosos ensinamentos.

Meus agradecimentos aos colegas do PROFLETRAS-Turma 6, pela acolhida, pelo companheirismo e pela motivação. De modo especial, agradeço a Carla, Grazi, Leandro, Rosenice e Sildilene, pelo apoio incondicional.

Agradeço à minha amiga Sirlene Gonçalves, por ter me apresentado o PROFLETRAS.

Gratidão à agência CAPES, pelo aporte financeiro.

RESUMO

A presente pesquisa, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras, tem como objeto a elaboração de uma sequência didática na pretensão de preencher lacunas pedagógicas e também teóricas no que diz respeito ao desenvolvimento das competências discursivas de produção de texto na escola. Nesse contexto, o público-alvo são alunos do 9º ano. Para tanto, a metodologia de pesquisa, partindo da mobilização de conteúdos e práticas, conformados em uma sequência didática, envolve uma proposta de intervenção, de caráter qualitativo. Dentre os vários objetivos da pesquisa, cabe destacar o propósito em elaborar uma sequência didática que contribua para o conhecimento da estrutura do gênero crônica e suas finalidades e, do mesmo modo, intensificar a leitura de textos como forma de ampliação e desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, com vistas à consolidação do homem enquanto ser social e histórico. Para isso, utilizaremos a semiótica na apresentação de temas para a produção da crônica, como método para reflexão sobre as questões sociais nas quais o aluno está direta e indiretamente inserido, possibilitando o rompimento da barreira existente entre o aluno e prática da produção textual, por meio da valorização das reflexões feitas oralmente por eles, durante a leitura e análise dos textos. Esperamos contribuir para a preparação do aluno de forma que possa assumir o papel de locutor, organizando sua fala com maior grau de clareza, para que a interação com o público ouvinte seja bem-sucedida, uma vez que os textos serão divulgados em um programa de rádio. Para embasar a análise de interação e dialogismo, partimos dos princípios de Bakhtin (1997), bem como de Geraldi (2012; 2015), Marcuschi (2008; 2012) e Rojo (2009), no que diz respeito à concepção de gênero e de multiletramentos. Em Cândido (1992), Ferreira (2008), Thomé (2015) e Baltar (2012), encontramos suporte em relação à concepção de gênero do discurso, crônicas e conhecimentos sobre rádio. A pesquisa dialoga com a **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil e Ensino Fundamental (BRASIL, 2018)**. O ensino de Língua Portuguesa na BNCC está ancorado na concepção sociointeracionista da linguagem em que a dialogia, fruto das interações humanas, ocupa lugar central. No que se refere à metodologia, recorreremos ao modelo didático de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Por meio da aplicação da sequência didática proposta neste trabalho, acreditamos ser possível propiciar aos alunos novas relações com a cultura escrita, em especial, assegurar o desenvolvimento de capacidades de linguagem inerentes ao gênero crônica.

Palavras-chave: Crônica; Escrita; Autoria; Rádio.

ABSTRACT

This research, developed within the scope of the Professional Master's Degree in Languages, has as its object the elaboration of a didactic sequence in order to fill pedagogical and theoretical gaps with regard to the development of discursive competences in text production at school. In this context, the target audience is 9th grade students. For that, the research methodology, starting from the mobilization of contents and practices, conformed in a didactic sequence, presents a proposal for intervention of a propositional character. Among the various objectives of the research, it is worth highlighting the purpose of developing a didactic sequence that contributes to the knowledge of the structure of the chronicle genre and its purposes, and, likewise, as well as intensifying the reading of texts as a way of expanding and developing the critical thinking of the student, with a view to consolidating man as a social and historical being. For this, we will use semiotics in the presentation of themes for the production of the chronicle, as a method for reflection on the social issues in which the student is directly and indirectly inserted, enabling the breaking of the existing barrier between the student and the practice of textual production, through the appreciation of the reflections made orally by them, during the reading and analysis of the texts. We hope to contribute to the preparation of the student so that they can assume the role of speaker, organizing their speech with a greater degree of clarity, so that the interaction with the listening public is successful, since the texts will be disseminated in a program of radio. To support the analysis of interaction and dialogism, we start from the principles of Bakhtin (1997), as well as Geraldi (2012; 2015), Marcuschi (2008; 2012) and Rojo (2009), with regard to the concept of gender and multiliteracies. In Cândido (1992), Ferreira (2008), Thomé (2015) and Baltar (2012) we found support in relation to the conception of gender in the discourse, chronicles and knowledge about radio. The research dialogues with the **BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil e Ensino Fundamental (BRASIL, 2018)**. The teaching of Portuguese at BNCC (BRASIL, 2018) is anchored in the socio-interactionist conception of language in which dialogy, the result of human interactions, occupies a central place. With regard to methodology, we used the didactic model of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004). Per application of didactics sequences included in this work we believe it is possible provide to the students new relations with culture and writing in special, assuring the development of capacities to produce texts related to the textual genre chronicle.

Keywords: Chronicle; Writing; Authorship; Radio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotografia da cidade São Pedro do Suaçuí-MG	311
Figura 2- Fachada da Escola Estadual João Pinheiro São Pedro do Suaçuí-MG	322
Figura 3 - Esquema da Sequência Didática	355
Figura 4 - Esquema da Sequência Didática	355
Figura 5 - Esquema de Sequência Didática	36
Figura 6 – Print da tela do Jornal Opção.....	422
Figura 7 – Print da tela do Portal G1	443
Figura 8 - Print da tela do Portal G1.....	455
Figura 9 – Imagem ilustrativa do documentário	477

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Divisão Dos Módulos - Aulas	388
Quadro 2 – Anotações das características genéricas das crônicas.....	411
Quadro 3 – Grade de Avaliação.....	533

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Objetivo geral.....	17
1.2	Objetivos específicos	18
	Da pesquisa	18
	Da prática didática	18
2	REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1	Ler para conhecer e conhecer-se	20
2.2	O ensino da escrita pautado nos gêneros	22
2.3	O gênero Crônica	24
2.3	O importante papel do interlocutor	25
2.4	O encontro com o interlocutor por meio do rádio	27
3	METODOLOGIA.....	30
3.1	O ambiente da pesquisa.....	30
3.2	Os participantes da pesquisa	32
3.3	A mudança na pesquisa em decorrência da pandemia da COVID-19	33
3.4	O modelo de sequência didática	34
3.4.1	Roteiro para aplicação do projeto.....	37
	1ª Etapa – Gestão, corpo docente e demais servidores da escola	37
	2ª Etapa – Apresentação aos discentes e seus responsáveis	37
3.5	Apresentação da sequência didática	38
	Módulo 1 – Apresentação inicial da situação de produção -	39
	Aulas 1 e 2 (Sugestão: aulas geminadas para que não haja quebra de raciocínio)..	39
	Aula 3 – Historicidade do gênero Crônica	40
	Aulas 4 e 5 – Conhecendo de perto os veículos de divulgação – A começar pelo jornal impresso.....	40
	Aulas 6 e 7 - A relação entre os gêneros - Da notícia para a crônica	42
	Aulas 8 e 9 – O mesmo gênero, em um “novo” veículo, “Crônicas de ouvido”	47
	Aulas 10 e 11 - Ampliando os conhecimentos sobre o gênero crônica - Conhecendo outras crônicas – O giro de textos	47
	Módulo 2 - Conhecendo o veículo de divulgação - Visita à rádio do município....	49
	Lançamento do concurso “Ouça a minha voz”, para definir o locutor (radiador ou	

	os locutores- radioatores das crônicas.	49
	Módulo 3 – Produção Inicial – A relevância do tema	49
	Aula 12 – Apresentação e escolha do tema	49
	Aulas 13 e 14 - PRODUÇÃO INICIAL – PRIMEIRAS LINHAS	51
	Módulo 4 - Análise da produção inicial	52
	Aulas 15,16 e 17	52
	Módulo 5 - Relato de experiência - A importância do interlocutor	52
	Aulas 18 e 19	52
	Módulo 6 - Um pouco mais sobre crônica	52
	Aula 20	52
	Módulo 7 - Reescrita dos textos	52
	Aulas 21 e 22	52
	Módulo 8 - Análise dos textos - “Botar reparo”	53
	Aulas 23, 24 e 25	53
	Análise dos textos de acordo com a grade proposta por uma das autoras do livro:	
	“Avaliação Do Texto Escolar – Professor-leitor/Aluno-autor”	53
	Módulo 9 – Produção final - Passando a limpo	55
	Aula 26	55
	Módulo 10 – “De quem será a voz”	55
	Módulo 11 - DIVULGAÇÃO DOS TEXTOS EM RÁDIO –	55
	Módulo 12 – Compartilhamento dos resultados	55
4	CONCLUSÃO	57
	REFERÊNCIAS	59
	ANEXOS	61
	APÊNDICES	77

1 INTRODUÇÃO

A motivação para a realização deste trabalho surgiu durante minha prática docente como professora de Língua Portuguesa, na Escola Estadual João Pinheiro, em São Pedro do Suaçuí, cidade com pouco mais de 5.000 habitantes, na qual trabalho e resido. Mesmo não tendo muitos anos de carreira como professora, pude perceber que os alunos da minha escola apresentam certa rejeição às aulas em que são propostas atividades de produção textual.

Ao me deparar com essa situação, passei a refletir sobre como desenvolvia as aulas de produção textual. Foi assim que percebi a necessidade de conhecer novos métodos de ensino, de fazer um estudo aprofundado desses métodos, de pesquisar e de buscar possíveis respostas para essa inquietação. Cabe relatar aqui o meu ingresso no curso de graduação e os fatores que o impulsionaram, dentre eles, o anseio pela aprendizagem de metodologias mais efetivas e eficientes em relação ao ensino de Língua Portuguesa, que justificam, do mesmo modo, o desejo pela formação no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS).

Minha escolha pelo curso de graduação em Letras se deu basicamente por dois motivos, sendo, o principal deles, as poucas opções de cursos ofertados pelas instituições próximas ao meu município de residência, São Pedro do Suaçuí, já que não havia possibilidade de residir em outra cidade, devido à minha situação financeira. O outro motivo foi o desejo de ampliar os meus conhecimentos em relação à gramática normativa. Acreditava que era o caminho para desenvolver habilidades em relação à escrita e visava, também, a aprovação em concursos públicos, mesmo sem ter uma área de atuação pré-definida.

Em 2008, ingressei no Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell (ISEED), no curso de graduação em Letras, como bolsista do Programa Universidade para Todos (PROUNI). O Instituto está localizado na cidade de Virginópolis, que fica a 76 km de São Pedro do Suaçuí. Concluí o curso sem ter alcançado o meu objetivo de dominar a gramática normativa e sem desenvolver as habilidades em relação à escrita da forma como eu esperava. Além disso, o curso não despertou em mim o interesse pela sala de aula. De fato, eu era a única aluna da turma do curso de Letras que não desejava ser professora.

Eu não tinha interesse em me tornar professora, mas havia a obrigatoriedade da prática docente (estágio) associada à necessidade financeira. Ainda durante o curso de graduação, tive minha primeira experiência como docente. O contato com os alunos despertou em mim uma grande preocupação em relação ao meu despreparo para ministrar aulas de Língua Portuguesa.

A insegurança e o medo me fizeram desacreditar do meu curso de graduação. Por muitas vezes tive a impressão de que eu não estava aprendendo nada do que era necessário para

lecionar, sendo que a sensação de incapacidade e a insegurança me acompanharam por longa data.

Mesmo diante da não realização pessoal em relação ao curso de Letras, fui aprovada em quatro concursos públicos, sendo dois da Secretaria Estadual de Educação, para o cargo de Professor de Educação Básica.

Embora não sendo a profissão dos meus sonhos, a partir de 2012, continuei participando de designações e ministrando aulas de Língua Portuguesa e, em 2016, tomei posse no cargo de professora da Secretaria Estadual de Educação, para o qual eu havia sido aprovada. Assim sendo, em março de 2016, passei a compor o quadro de professores efetivos da Escola Estadual John Kennedy, em São José do Jacurí. Em agosto do mesmo ano, fui removida para a Escola Estadual João Pinheiro, na cidade de São Pedro do Suaçuí, onde leciono a disciplina de Língua Portuguesa no ensino fundamental e médio.

Com o passar dos anos, comecei a me interessar mais pela prática docente. O contato com os alunos me motivava a melhorar minhas aulas, tornando-as mais interessantes e, muitas vezes, os alunos comentavam sobre as aulas com os colegas de outras turmas. Porém, o mesmo não acontecia nas aulas de produção textual.

Tal fato me levou a crer que eu precisava e tinha condições de melhorar minha prática docente, mais e mais. Para isso eu precisava buscar o conhecimento de forma mais efetiva, algo que me proporcionasse amplas possibilidades de aprendizado. Eu precisava aprender para melhor ensinar, pois somente com a graduação eu não conseguiria ir além do que eu já fazia. Era preciso beber em outras fontes.

Assim, em 2017, aceitei o desafio e me inscrevi no PROFLETRAS para o polo da UFMG. Fiz uma excelente pontuação na prova objetiva, porém, o pesadelo da escrita voltou a me atormentar, não como docente, mas sobre minha capacidade de escrita: não consegui aprovação na prova discursiva. No entanto, no ano seguinte, fiz a prova novamente e fui aprovada.

Eis mais um porquê para a minha decisão de optar por uma pesquisa que contemple o processo da escrita na sala de aula. De fato, minha incompletude em relação à escrita foi o que influenciou na definição do objeto de minha pesquisa.

A partir de então, comecei a refletir um pouco mais sobre meu trabalho com a produção textual na sala de aula e constatei que a maneira como as atividades eram propostas por mim, era uma reprodução de como eu havia sido preparada para a escrita. Em outras palavras, assim como as atividades de escrita não faziam sentido para mim enquanto estudante do ensino regular e até mesmo enquanto aluna da graduação, eu não conseguia propor aos meus alunos atividades

de escrita que apresentassem um propósito comunicativo que atendessem a uma necessidade concreta de comunicação. Isso sem mencionar a impossibilidade de preencher as lacunas referentes às questões normativas.

Tal constatação não me coloca como culpada pela dificuldade de muitos alunos em produzir textos, visto que desenvolver habilidades de escrita envolve inúmeros fatores. Porém, a partir desta percepção e diante das possibilidades de desenvolver práticas que favoreçam ou proporcionem práticas de escrita de maneira efetiva e até mesmo prazerosa, é que pretendo encontrar, por meio deste trabalho, mecanismos que favoreçam o desenvolvimento da escrita no ambiente escolar.

Assim sendo, durante os estudos das disciplinas ministradas no curso de mestrado que compreendi que há diversos elementos simultâneos ou até mesmo que antecedem ao ensino de metalinguagem presente na gramática normativa. Faz-se necessário que nós, enquanto professores, ofereçamos aos alunos a oportunidade de compreender as situações sociais de interação que o texto escrito proporciona. Portanto, o mestrado profissional me inseriu no mundo dos Letramentos¹, a partir do qual passo a compreender as práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Diante desse contexto, de necessidade de aproximação e de familiaridade com a escrita, que passo a pesquisar mecanismos capazes de motivar a produção textual na sala de aula. Deve-se considerar que não somente os meus alunos, mas grande parte dos estudantes da rede pública e até mesmo alguns da rede privada têm dificuldade em relação à produção de textos no âmbito escolar. São dificuldades em relação ao domínio da norma culta, mas, principalmente, na compreensão dos gêneros textuais, de várias esferas, o que me leva a perceber que a forma como os gêneros eram trabalhados em minhas aulas não favorecia o letramento ideológico².

Em minhas poucas aulas de produção textual, a solicitação de escrita de texto era realizada de forma vaga. Apenas com a leitura do texto apresentado no livro didático e a resolução das questões propostas, não dava ênfase ao que estava sendo retratado no texto. Não abria possibilidades de leitura de outros textos do mesmo gênero, mas com abordagens diferentes e nem tampouco aprofundava nas questões relativas ao gênero abordado. Nada além do livro didático e, algumas vezes, até aquém das propostas que os livros apresentam.

¹ Segundo Soares (2010) letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita.

² Brian Street (2014) fala de duas concepções de letramento que se contrapõem: o modelo autônomo e o modelo ideológico. No modelo autônomo, a leitura e a escrita são “tecnologias” que se complementam. Já o modelo ideológico ressalta a dimensão social do letramento.

Embora nos últimos anos, os livros didáticos tenham contemplado propostas de leitura e produção de textos de diversos gêneros textuais, as aulas de Língua Portuguesa continuam pautadas no ensino da nomenclatura e das normas prescritivas da gramática tradicional, ficando em segundo plano a prática da leitura e da escrita. Além das atividades propostas pelos livros didáticos, pode ser desenvolvida também a Olimpíada de Língua Portuguesa que visa à melhoria do ensino da leitura e escrita nas escolas públicas brasileiras. Por não ser um programa obrigatório nas escolas da rede estadual, grande parte das escolas não realizam esta Olimpíada, algumas vezes por haver um receio, por parte dos professores, em participar de eventos que envolvam disputas. Não porque não queiram, mas talvez, por falta de uma preparação para um trabalho efetivo com os gêneros e, também, por não encontrarem apoio da equipe pedagógica da escola para a realização desse trabalho desafiador.

Mesmo diante das alternativas de trabalho com os gêneros que favorecem a prática da produção textual realizada, é preciso pensar em outras possibilidades que aproximem os alunos da escrita no contexto escolar. Possibilidades estas que possam efetivamente ajudar o aluno a escrever e não exigir que ele escreva sem oferecer as ferramentas necessárias para a concretização desse magnífico ato. Antes de mais nada, é preciso motivar os alunos para a escrita.

Como ensinar os alunos a produzir textos sem que essa atividade seja vista como uma forma de punição? Como proporcionar uma atividade de escrita que faça sentido para o aluno e que ele possa sentir prazer ao produzir um texto e ter orgulho em assumir-se como autor?

Algumas possibilidades de respostas a esses questionamentos são percebidas no pensamento de Osakabe (1979), que coloca em foco o importante papel do interlocutor para o desenvolvimento da interlocução.

É o tipo de relação entre o locutor e seu ouvinte que decorre o tipo de ação a ser empreendida pelo locutor através de seu discurso. Um eu não define, por si só, ação a ser empreendida; é preciso que ele tenha sua imagem do tu ou que o tu forneça essa imagem (OSAKABE, 1979, p. 53).

A ausência de um interlocutor “real” desfavorece o processo da escrita na sala de aula. O que acontece, muitas vezes, no ambiente escolar, é a avaliação dos requisitos propostos pelo professor ao solicitar uma produção textual. Em outras palavras, o texto do aluno tem somente o professor como interlocutor e serve apenas para avaliar uma fração de habilidades contempladas no processo.

É lamentável que o ensino de Língua Portuguesa, no que se refere às práticas de produção textual, seja constantemente desfavorecido pelo professor enquanto único interlocutor

dos textos escritos pelos alunos, não havendo uma interação discursiva. O texto é escrito para ser corrigido e não para ser lido, como afirmam Góes e Smolka (1992):

O propósito é o exercício; o destinatário é o professor, que vai corrigir e avaliar segundo certos critérios; a consequência é a informação sobre a qualidade do desempenho na tarefa. Empobrecendo-se a noção de interação e estreitando-se as possibilidades de destinação e repercussão do que foi escrito. (GÓES, SMOLKA, 1992, p. 63).

Dessa forma, as concepções de Osakabe (1979), Goes e Smolka (1992) sobre a importância do interlocutor no processo da escrita abriram o caminho para a busca de respostas ou de parâmetros que nortearam esta pesquisa.

Se, do ponto de vista teórico as concepções se tornavam claras, o terreno metodológico ainda precisava ganhar materialidade. Nesse sentido, o olhar se dirigiu para as práticas sociais da comunidade, com destaque para a rádio, que sabemos ser um meio de comunicação com bastante alcance, principalmente no que diz respeito ao seu formato FM. Cabe destacar o rádio como veículo de comunicação que possibilita a interatividade. Na maioria dos programas de rádio o processo de interação entre emissor e receptor está presente. As novas tecnologias, como o aplicativo de mensagens WhatsApp, facilitam ainda mais essa interação, pois o ouvinte pode enviar mensagens e interagir ao vivo com os apresentadores/locutores.

Pelo fato de grande parte dos alunos da minha escola residirem no meio rural e terem o rádio como um dos principais veículos de comunicação e também a população urbana ser adepta a ele, é que passei a pensar no rádio como a mídia capaz de aproximar o aluno do leitor, no caso um leitor ouvinte, propiciando uma interação discursiva.

A proposta de divulgação dos textos em um programa de rádio pode motivar os alunos para a escrita textual? A leitura e análise de textos que reproduzem situações cotidianas, a explicação sobre contexto histórico do gênero, a apresentação de imagens que retratam a vida e a sociedade, apresentadas por meio de recursos midiáticos podem favorecer o desenvolvimento da produção textual?

Tendo em vista estas indagações, apresentamos a seguir os objetivos desta pesquisa. Cabe destacar que anteriormente o projeto estava previsto para ser aplicado, mas diante do contexto da pandemia do COVID-19, este passa a assumir um caráter propositivo.

1.1 Objetivo geral

Elaborar uma sequência didática com o intuito de contribuir para a motivação de produção de textos de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, fazendo uso do rádio como ferramenta pedagógica.

1.2 Objetivos específicos

Da pesquisa

- Contribuir para que a prática da produção textual, no ensino fundamental seja vista pelos alunos como um instrumento de interação sociodiscursiva, dentro e fora da escola.

Da prática didática

- Intensificar a leitura de textos como forma de ampliação e desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, em relação à consolidação do homem enquanto ser social e histórico;
- Tornar as aulas mais atrativas e motivadoras, a partir da utilização da linguagem multimodal, como recurso e estratégia didática;
- Possibilitar o rompimento da barreira existente entre o aluno e prática da produção textual, através da valorização das reflexões feitas oralmente por eles, durante a leitura e análise dos textos;
- Preparar o aluno de forma que possa assumir o papel de locutor, organizando sua fala com maior grau de clareza, para que a interação com o público ouvinte seja bem-sucedida.

Em uma abordagem qualitativa, a metodologia definida para a pesquisa foi pautada na proposta de sequência didática elaborada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), na qual fizemos algumas proposições de módulos adicionais, considerando as sugestões de Baltar (2012), bem como as nossas reflexões. Definimos o rádio como suporte midiático para democratização da produção textual e, posteriormente a essa etapa, a divulgação no meio digital através de podcasts.

A partir desta introdução, apresentamos dois capítulos e, na sequência, as considerações finais. No primeiro capítulo, foram apresentados os pontos de vista de teóricos no que se refere à importância do trabalho a partir de gêneros textuais para o ensino da escrita, dando ênfase ao gênero textual crônica e às múltiplas formas de divulgação desse gênero, bem como a importância do interlocutor no processo. No segundo capítulo, tratamos da elaboração da sequência didática, cuja metodologia parte dos estudos do grupo de Genebra e das experiências do Grupo de Estudos de Gêneros Textuais Orais e Escritos (EGET), da Universidade de Caxias do Sul e dos estudos da pesquisadora Dra. Cláudia Thomé sobre os programas de crônicas no rádio, apresentados na obra “Literatura de ouvido”.

Por fim, nas considerações, realizamos uma síntese dos pressupostos teóricos e das etapas apresentadas na sequência didática, apresentando comentários sobre as atividades propostas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre a importância do referencial teórico, Thiollent (1986, p. 55) esclarece que “o papel da teoria consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações”. Assim sendo, apresentamos neste capítulo concepções teóricas sobre processo de leitura, produção textual e práticas de oralidade.

A **Base Nacional Comum Curricular (BNCC):** Educação Infantil e Ensino Fundamental (BRASIL, 2018) propõe que o componente Língua Portuguesa proporcione aos estudantes experiências “que contribuam para a formação e ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p. 65).

O Eixo da Produção de Textos da BNCC compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria do texto escrito, oral e semiótico com diferentes finalidades e projetos enunciativos. É em consonância com o Eixo de Produção de Textos que este trabalho com o gênero crônica foi desenvolvido. Esse eixo da BNCC sugere uma gama de oportunidades para que os alunos se interessem mais pela escrita. A possibilidade de narrar os fatos que fazem parte do seu cotidiano, de forma crítica, reflexiva ou humorística, é o fator preponderante para que consigam desenvolver satisfatoriamente as habilidades propostas neste eixo (BRASIL, 2018, p.74).

Associado a este eixo, está o Eixo da Oralidade, não menos importante, que trata da oralização de textos em situações socialmente significativas, interações e discussões, além de envolver temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação, o que possibilita ao aluno “compreender efetivamente os usos da língua através da interação discursiva, e não somente a reprodução de esquemas de uma língua descontextualizada da sua realidade” (BRASIL, 2018, p.76-77).

2.1. Ler para conhecer e conhecer-se

De acordo com Neubauer e Novaes (2009) “a leitura e a escrita são práticas indissociáveis”, porém, exigem habilidades distintas. A leitura é fundamental em todos os níveis educacionais. Assim sendo, a prática da leitura proposta pela escola deve ser considerada como prática efetiva, desde a alfabetização e sequencialmente aos diferentes graus de ensino.

Para que o encantamento pela leitura não se perca no decorrer dos anos de formação do aluno, é preciso que o professor e a escola ofereçam oportunidades de leitura de uma forma

convidativa e prazerosa. Executar projetos que visem ao estímulo à leitura e à formação de jovens leitores, deve ser uma prática constante nas escolas. Projetos cuja metodologia seja pautada na leitura como algo prazeroso, que possibilite as mais diversas sensações e emoções. Também devem possibilitar a elaboração de atividades capazes de despertar no aluno o interesse em ler o texto, a obra, desenvolvendo um posicionamento crítico em relação ao assunto tratado, gerando resultados importantes para a formação do leitor literário. Nessa concepção, destacamos o trabalho da professora pesquisadora Cristiane Dias Gonçalves de Paula, durante o curso de formação - PROFLETRAS/UFMG, realizado em 2018, cuja pesquisa intitula-se “A formação do leitor literário e a dinamização da biblioteca escolar”.

A leitura proporciona um “encontro” com o desconhecido, com um mundo novo de informações e de realizações, além de possibilitar o desenvolvimento de pontos de vista diversos. O encontro com a leitura é proposto neste trabalho por meio da leitura de textos do campo artístico-literário, a leitura de crônicas. A literatura oportuniza desfrutar da representação da realidade e possibilita interações, conforme afirma Todorov (2009):

[...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23).

Geraldi (2006, p. 5-6) afirma que “na escola, em geral se lê para escrever. Há uma junção entre as duas atividades em que uma se torna o fim da outra: lê-se um texto para escrever outro texto, no mesmo gênero ou sobre o mesmo tema; lê-se um texto para responder perguntas”.

Nossos objetivos com a leitura mediada das crônicas propostas nesta pesquisa não se relacionam apenas com o reconhecimento de signo e de sua significação, mas também com a busca de sentidos. A prática de leitura apresentada é coerente com a definição proposta por Geraldi (2015):

Ler não é apenas reconhecer o signo com suas significações do passado. Ler é construir uma compreensão no presente com significações que, entranhadas nas palavras, são dissolvidas pelo seu novo contexto - que incluem também as contrapalavras do leitor para permitir a emergência de um sentido concreto, específico e único, produto da leitura que se está realizando. (GERALDI, 2015, p. 103).

Nossa pretensão é apresentar os textos de acordo com as concepções de leitura apresentadas por Geraldi (2015, p.112), a qual muito se difere do processo de decifração. A leitura envolve competências que vão além da decodificação e tem o poder de construir sentidos e oferecer ao leitor diversas possibilidades de reconstrução do que foi lido.

A proposta de leitura de crônicas de diversos autores, escritas em épocas distintas, que versam sobre temas variados, estão em consonância com as habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2018) para a leitura de textos do campo artístico-literário. Dentre elas, vale destacar:

Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas (BRASIL, 2018, p. 157).

Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (BRASIL, 2018, p. 159).

Através da socialização das experiências de leitura, o aluno pode desenvolver novas possibilidades de leitura, sendo que, por meio de tais eventos, o professor, conjuntamente, promove oportunidades para que o estudante desenvolva suas capacidades de leitura para sua formação literária.

2.2 O ensino da escrita pautado nos gêneros

Em se tratando do ensino da linguagem, há muitas discussões sobre a perspectiva sociointeracionista: que é uma teoria que propõe a aprendizagem através das interações. Vários pesquisadores da área de linguagens propõem que o ensino da língua materna seja voltado para o trabalho com os gêneros textuais, visto que é por meio dos gêneros que acontece a interação.

Marcuschi (2008) salienta que a noção de gênero é milenar, tendo surgido no Ocidente com Platão e Aristóteles, sendo vinculada, a princípio, apenas à literatura. Segundo Swlales (apud MARCUSCHI, 2008), atualmente a noção de gênero se estende a uma categoria distinta de discurso de qualquer tipo, seja falado, escrito, com ou sem aspirações literárias, pois já não mais se vincula apenas à literatura. De acordo com a teoria bakhtiniana, a interação acontece através dos mais diversos gêneros. Bakhtin (1997) afirma que:

Todas as esferas da vida humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem. A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 280).

A perspectiva de Marcuschi (2008) segue os preceitos de Bakhtin (1997), embora Bakhtin trabalhe com a terminologia “gênero discursivo” e Marcuschi opte por “gênero textual”. Marcuschi (2008) considera que toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Assim sendo, é impossível não se comunicar verbalmente

por algum gênero, como também não se comunicar verbalmente por um texto. Marcuschi (2008) apresenta a definição de que gêneros textuais:

[...] são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

De acordo com Marcuschi (2008), os gêneros textuais não podem ser tratados independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atitudes humanas. Assim sendo, vemos o gênero crônica como uma “ponte” capaz de aproximar o aluno da produção textual. Por isso, firmamos nosso propósito nas considerações de Marcuschi (2012) sobre o estudo dos gêneros textuais:

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 156-157).

Refletindo sobre as condições de produção e recepção de textos dentro do âmbito escolar, cabe ressaltar que o professor precisa entender que cada gênero textual possui sua própria característica e, com isso, a sua funcionalidade. Pretendemos trazer para o contexto dessa investigação, teorias sobre as concepções de gêneros, sob o prisma de Marcuschi (2008):

Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina discursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. (MARCUSCHI, 2008, p. 162).

O pensamento bakhtiniano influencia ou fundamenta boa parte das pesquisas em relação aos trabalhos sobre gêneros. A exemplo disso, destacamos Rojo (2009), que, baseada na concepção bakhtiniana, faz referência aos gêneros como “gêneros discursivos” e enfatiza o poder da interação social através deles.

É preciso que a linguagem dê conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam (ROJO, 2009, p. 90).

Para Rojo (2009), os gêneros do discurso, associados aos recursos multimodais a eles arrolados, possibilitam as práticas sociais da linguagem. Desse modo, torna-se desejável que, no âmbito institucional, a escola, constantemente, possibilite que os alunos participem de forma autônoma dessas práticas sociais discursivas, de forma ética e democrática.

2.3 O gênero Crônica

Sendo o nosso propósito aproximar o aluno da escrita nas situações de interação social, encontramos no gênero crônica o fio condutor para o nosso trabalho. O tom coloquial da crônica faz parecer uma conversa entre o narrador e o leitor. É esse poder de aproximação, esse vínculo com o leitor, que nos faz crer que o trabalho estruturado com o gênero, e de modo particular com o gênero crônica, favorece o letramento. Nessa perspectiva, afirma Cândido (1992, p.13): “A crônica não é um ‘gênero maior’[...] ‘Graças a Deus’ – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura”.

Por sua vez, para Coutinho (1988), a crônica é um gênero que caminha entre o literário e o jornalístico, é algo diferenciado na nossa literatura, com a qual não há nada que se compare, nem na literatura portuguesa. Independentemente do veículo de divulgação, a natureza da crônica é literária, pois nela se percebe a arte da palavra.

De acordo com Thomé (2014, p. 3), “a crônica sobrevive sem precisar dos ganchos de tensão próprios das telenovelas e radionovelas. Pode comentar os fatos noticiados e ainda incluir um personagem fictício, misturando jornalismo e ficção”.

No século XIX, o Brasil é agraciado com as publicações de crônicas, a partir do desenvolvimento da imprensa que tratava de diversos temas do cotidiano da época. Diversos cronistas se destacaram nesta época, dentre eles Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo. Outros grandes nomes se consagraram como cronistas a partir de meados do século XX, dentre eles: Carlos Drummond, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo, entre outros.

Ferreira (2008), em suas pesquisas, observa a existência de 23 classificações para as crônicas quanto à sua tipologia. As crônicas são denominadas de descritivas, narrativas, narrativo-descritivas, metalinguísticas, líricas, reflexivas, dissertativas, humorísticas, teatrais, mundanas, visuais, metafísicas, poemas-em-prosas, crônicas-comentários, crônicas-informações, filosóficas, esportivas, policiais, políticas, jornalísticas, crônicas contos, crônicas ensaios e crônicas poemas.

A autora critica um número tão grande de classificações, o que evidencia uma “falta de critérios tipológicos ou ausência deles”. Apresenta as seguintes considerações:

Para nós a crônica é um gênero de texto em prosa cuja função social e/ou comunicativa é fazer refletir através da análise ou do relato de episódios, subjetivamente, por intermédio de um autor-narrador, que procurará fazer acontecer essa análise na mediação entre o cognitivo e o sensível do leitor. Para tanto, esse autor-narrador se utiliza de categorias da superestrutura dissertativa ou narrativa, respectivamente.

(FERREIRA, 2008, p. 362).

Contudo, para este trabalho, pensamos em considerar três das classificações para direcionar o aluno na escolha do tipo de crônica, já que o estudo de todos os tipos de classificações demandaria muito tempo.

Crônica narrativa: predomina uma história envolvendo personagens e ações (enredo) que transcorrem no tempo.

Crônica reflexiva: o autor tece reflexões filosóficas, isto é, analisa subjetivamente os mais variados assuntos e situações.

Crônica humorística: normalmente, trata de assuntos políticos ou de certos costumes sociais, de maneira crítica e bem-humorada. (FERREIRA, 2008, p. 362-363).

A escolha destes três tipos de crônicas se deu devido ao fato de oferecerem ao aluno a possibilidade de relacionar situações vivenciadas dentro de seu contexto social, o que favorece o desenvolvimento da aprendizagem. Antônio Cândido, em seu artigo “A vida ao rés-do-chão”, afirma que:

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a inculcar nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (CÂNDIDO, 1992, p. 90).

Considerando o papel fundamental do professor para o desenvolvimento da prática de produção textual, destaco as considerações de Leal (2005)

Como é que nos formamos leitores e produtores de texto? É na comum-idade (comunidade), na relação com o outro. Não é no rigor do olhar, nem na benevolência, nem nos atos de indiferença que se encontra a saída. Ela está, fundamentalmente, no quanto aquele que ensina e aquele que aprende se abrem, cada vez mais, para a compreensão ativa. (LEAL, 2005, p. 67).

2.3 O importante papel do interlocutor

A interação entre indivíduos ocorre por meio da linguagem, é através dela que o ser humano não somente manifesta o que pensa, sente, mas também atua sobre o interlocutor. Além de modificar as relações com o outro, a linguagem também possibilita o desenvolvimento da própria identidade. A respeito da linguagem, Travaglia (2009, p. 23) afirma que:

A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (TRAVAGLIA, 2009, p. 23).

É através da interação social que percebemos e passamos a ter noção do poder que nossas palavras exercem, tomamos conhecimento do tipo de relações que estamos alimentando. A vida social do ser humano se constitui a partir de sua capacidade de interagir com seus semelhantes por meio da linguagem.

No tocante à importância do interlocutor para o desenvolvimento da produção textual, esta pesquisa está embasada, primeiramente, na perspectiva de Bakhtin (1997) e de Orlandi (2001) no que se refere à importância da presença do outro, à interação e ao dialogismo:

É nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. (BAKHTIN, 1997, p. 55).

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1997, p. 133).

Para Orlandi (2001, p. 21), as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e os efeitos dessas relações são múltiplos e variados; o sujeito é heterogêneo e cheio de contradições. Por isso, o discurso pode ser definido como efeito de sentidos entre interlocutores.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2009, p. 30).

Pautada na visão interacionista da escrita, Antunes (2003, p. 46) afirma que [...] “quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quando dizer e do como fazê-lo”.

A concepção de Geraldi (2012) a respeito da importância da divulgação dos textos nos leva a refletir sobre as influências que as palavras podem exercer em nossas vidas. Assim, destaca Geraldi (2012, p. 4) “[...] nenhum autor é dono de suas palavras não só porque aquelas que usam não lhe são próprias, mas também porque leitores dão outra vida às palavras em suas formas de construir diferentes compreensões”.

2.4 O encontro com o interlocutor por meio do rádio

É basicamente impossível falar em produção de texto sem antes pensar no interlocutor. Quando nos referimos a interlocutor, não é nossa pretensão delimitar um público alvo. O que desejamos é que os textos naveguem a longas distâncias e se ancorem em diversos portos, sejam eles, novos, velhos, dos mais variados gêneros e culturas. Para tanto, é preciso que eles, os textos, naveguem pelas ondas. Aqui, não servirão as ondas do mar, mas sim, as ondas do rádio.

Segundo Magnoni (1999), o rádio, ao longo de seus mais de 70 anos de história no Brasil, cumpriu diversos papéis, atendeu a interesses variados, adaptou-se às mudanças dos tempos e hoje alcança a marca de mais de 115 milhões de ouvintes contra uns 85 milhões de telespectadores e, no máximo, 8 milhões de leitores de jornais e revistas.

Magnoni fez esta afirmativa em 1999 e, em 2020, mais de duas décadas depois, o estudo Inside Radio 2020, da Kantar IBOPE Media, revela que 78% dos brasileiros, de 13 regiões metropolitanas pesquisadas, ouvem rádio. E ouvem bastante: 3 em cada 5 dos entrevistados escutam diariamente em uma média de 4 horas e 41 minutos.

A história do rádio brasileiro inicia-se em 1922, quando ocorreu a transmissão pública de radiodifusão do discurso do então presidente Epitácio Pessoa, como parte das comemorações do centenário da Independência. A partir daí, conforme afirma Magnoni (1999), surgiram nitidamente as curiosidades sobre o funcionamento do rádio e a percepção da importância que esse novo meio ganhava entre a população.

A primeira emissora a funcionar no Brasil foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada por Roquette Pinto e Henrique Morize, que iniciou suas operações em 1º de maio de 1923. Dois anos depois foi visitada por Albert Einstein, que fez questão de destacar que “após minha visita a essa Rádio Sociedade, não posso deixar, mais uma vez, de admirar os esplêndidos resultados a que chegaram a ciência aliada a técnica, permitindo aos que vivem isolados os melhores frutos da civilização”.

Segundo os fundadores, o objetivo da emissora era lutar pela cultura e pela educação do povo brasileiro. De acordo com Magnoni (2010), com o passar do tempo, o veículo foi se adaptando às mudanças econômicas, políticas, tecnológicas e também aos modos de vida e hábitos culturais das diversas camadas sociais brasileiras. A importância dessa emissora no cotidiano das pessoas e até nos caminhos políticos do país foram consideráveis. Ainda em 1950, surgiram emissoras com transmissão em frequência modulada (FM), sendo que até então, usava-se apenas a amplitude modulada (AM). A principal vantagem é que a transmissão em FM possui qualidade sonora superior.

Porém, na mesma década, com o surgimento da televisão, o rádio perdeu a preferência dos anunciantes e dos artistas, todavia conseguiu manter a audiência. Magnoni (2013) afirma que o que salvou o rádio do desaparecimento foi a popularização das emissoras em Frequência Modulada (FM), a partir da década de 1970.

Gisela Ortriwano (1987 apud MAGNONI, 2013) afirma que apesar de todos os seus problemas, o rádio sempre reagiu. O que comprova essa afirmativa é a adaptação das rádios ao vivo na web - que funciona pela transmissão digital, via internet, de áudio de qualquer lugar do mundo em tempo real, 24 horas por dia.

Como nossa proposta não sugere a criação de uma rádio, e sim, a criação de um programa para divulgação de textos na rádio do município, encerramos nossa apresentação histórica desse importante veículo de comunicação. Ressaltamos a tese, bastante conhecida, do intelectual alemão Bertold Brecht de que a rádio deveria ser um instrumento dialógico de comunicação.

Cabe destacar o projeto MEB: Movimento de Educação de Base do ilustríssimo educador Paulo Freire realizado nos anos 60, no qual utilizou-se o rádio como principal ferramenta para a alfabetização de adultos, interrompido pelo golpe militar de 64, o projeto previa criar 15 mil radiopostos.

É nessa perspectiva do rádio como instrumento dialógico, capaz de favorecer o letramento, que nos certificamos de que a possibilidade de divulgação das crônicas escritas pelos alunos pode contemplar os anseios dos estudantes e dos professores, no que se refere ao processo de escrita textual na escola. Conforme afirma Thomé (2015):

[...] cabe destacar aqui o poder do rádio como veículo de massa e ainda sublinhar que tanto o rádio como a crônica têm como elementos fundamentais a oralidade, a conversa, o potencial de falar sobre os assuntos do dia-a-dia diretamente com seu público, de aproximá-lo, de humanizar as relações.

O breve encontro pode eternizar-se na vida de cada um. Como medir a importância daquela palavra próxima no momento em que o ouvinte solitário liga o rádio? Ou a alegria de compartilhar uma vitória? Dividir as preocupações sobre a rotina, comentar fatos noticiados, contar o que não virou notícia, contar aquele aspecto da vida que anda um pouco esquecido, no corre-corre diário. A crônica no rádio, mesmo que veiculada em apenas cinco minutos ou menos, torna-se imortal na história da sociedade, pelo que carrega de informação e registro histórico. (THOMÉ, 2015, p. 15-16).

Segundo Baltar (2012, p. 18), as mídias tradicionais exercem influência direta no comportamento dos cidadãos. “[...] o trabalho com rádio, nas escolas, vem se constituindo como ação deflagradora de processos de ensinagem criativos na educação básica do nosso país, extrapolando o ambiente exclusivo da sala de aula, envolvendo todos os setores da escola e toda a comunidade em seu entorno”.

Rojo (2012) relata, em “Multiletramentos na escola”, que trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação, mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado e de gêneros, mídias e linguagem por eles conhecidos.

Esse apontamento feito por Rojo (2012) me assegura na decisão pela divulgação dos textos na rádio. Embora os alunos da Escola Estadual João Pinheiro, em sua maioria, tenham acesso às novas tecnologias, a rádio ainda exerce um importante papel no processo de comunicação para os moradores da cidade de São Pedro do Suaçuí.

3 METODOLOGIA

3.1 O ambiente da pesquisa

A cidade de São Pedro do Suaçuí está localizada no Vale do Rio Doce, com população estimada em 5.246 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE - 2019 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Pertence ao grupo de cidades que compõem as Trilhas do Rio do Doce³, sendo vista por muitos como uma cidade onde a tranquilidade, estilo aconchegante e receptividade atraem a todos. Terra que já foi caminho dos tropeiros, possui uma longa e rica história, com arquitetura que mistura o contemporâneo ao colonial. Um destaque da cidade é a Igreja Matriz de São Pedro, edificação que possui mais de 130 anos, de estilo único em toda região e admirada por uma população de muita fé e religiosidade.

De características ímpares, a cidade possui o Rio Suaçuí que contorna boa parte de seu traçado, que se contrasta com a região montanhosa, tendo a presença de belas cachoeiras, localizadas nas comunidades rurais. A economia é voltada para a pecuária de leite, sendo o produto final os queijos tipo artesanal e minas padrão.

A maior parte da população concentra-se no meio rural e tem nas atividades da agricultura e pecuária seu meio de subsistência. Um grande percentual da população é classificado como pertencente à classe social baixa, considerando trabalho e rendimento⁴, de acordo com critérios estabelecidos pelo IBGE.

Como população típica do interior, há uma grande valorização em relação às tradições culturais⁵, sejam elas de cunho religioso ou não. Alguns hábitos são mantidos pela população, dentre eles, pode-se destacar o de ouvir rádio. Embora boa parte da população tenha acesso a outros veículos de comunicação e interação, como televisão, aparelho de celular com acesso à internet, o rádio ainda está presente em grande parte dos lares de São Pedro do Suaçuí. Alguns moradores também acompanham a programação da rádio do município através do celular, na rádio Web.

³ O Circuito Trilhas do Rio Doce é uma região turística que agrupa 50 municípios, com afinidades culturais, históricas e naturais, localizados na região do Rio Doce. Fonte: <https://www.trilhasdoriodoce.com.br>

⁴ Trabalho e Rendimento

Em 2019, o salário médio mensal era de 1.6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 9.2%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 477 de 853 e 665 de 853, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 4352 de 5570 e 3762 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 43.4% da população nessas condições, o que o colocava na posição 217 de 853 dentre as cidades do estado e na posição 2321 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

⁵ Fonte: site oficial da prefeitura: <https://www.saopedrodoacuimg.gov.br/>

Figura 1- Fotografia da cidade São Pedro do Suaçuí-MG



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/SaoPedroDoSuacuiOficial> Acesso em: 09, set. 2021.

No que diz respeito aos números de estabelecimentos escolares, a cidade possui 4 (quatro) escolas de ensino fundamental – anos iniciais na rede municipal, e 2 escolas de ensino fundamental - anos finais e médio, pertencentes à rede estadual. A escola definida para realização da pesquisa, atende às modalidades de ensino fundamental e médio. Localizada no centro da cidade, a Escola Estadual João Pinheiro, conforme dados do Sistema Mineiro de Administração Escolar (SIMADE), atende atualmente a uma demanda de 448 alunos, sendo a maior parte deles matriculados nos anos finais do ensino fundamental.

A Escola Estadual João Pinheiro utiliza constantemente a rádio para repassar informações aos alunos e responsáveis. Alguns eventos realizados pela escola são transmitidos pela rádio. Eventos como jogos de futebol realizados durante o projeto esportivo Olimpíadas da João Pinheiro (OLIJOP) realizado anualmente. Homenagens e sorteios em datas

comemorativas, como por exemplo “O dia do estudante”, fazem muito sucesso, a transmissão é acompanhada pela maioria dos estudantes e comunidade.

Figura 2- Fachada da Escola Estadual João Pinheiro São Pedro do Suaçuí-MG



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

3.2 Os participantes da pesquisa

A turma que inicialmente faria parte dessa pesquisa encontra-se, hoje, no primeiro ano do Ensino Médio. Em 2020, ano que prevíamos para a aplicação do projeto, a turma era composta por 34 alunos, sendo que 80% eram do meio rural. A decisão por aplicar o projeto nessa turma se deu pelo fato de ter sido professora da turma no ano de 2019, quando cursavam o 8º ano.

Embora a turma inicialmente não gostasse de aula de Língua Portuguesa, aos poucos os alunos foram criando afinidade comigo e começaram a se interessar por alguns conteúdos apresentados. Para chamar a atenção dos alunos, sempre fazia dinâmicas envolvendo os conteúdos estudados. Ao final da aula, premiava, com chocolates e outras guloseimas, os alunos que se destacavam, bem como todos aqueles que participavam.

Tempos depois comecei a premiá-los com livros literários e, de forma surpreendente alguns alunos fizeram a leitura do livro que ganharam. Inclusive, alguns começaram a “invejar” o livro do outro em alguns momentos. A partir daí, percebi que havia feito a escolha certa. Eu tinha uma turma com a qual eu conseguiria executar o projeto, mesmo correndo o risco de não ser na totalidade. Antes de conversar claramente com eles sobre a possibilidade de participarem de um projeto de pesquisa, indaguei sobre a frequência com que eles e os familiares ouviam rádio e, de forma mais específica, a rádio do município. Certifiquei-me, mais uma vez, de que tinha os participantes ideais para minha pesquisa.

Ao explicar sobre o projeto no qual participariam, pude perceber a grande satisfação por terem sido escolhidos, sendo que, por muitas vezes, dentro do próprio ambiente escolar, já haviam se sentido excluídos devido à timidez de muitos, a agitação de outros e a falta de confiança no potencial de aprendizagem e desenvolvimento escolar dos alunos. Afinal, a turma estava no “ranking” das piores da escola. Por todas essas circunstâncias tornaram-se os meus escolhidos.

3.3 A mudança na pesquisa em decorrência da pandemia da COVID-19

“Aprender certamente envolve a mente, mas também interações entre alunos, professor e aluno, além de espaços e ferramentas de aprendizado”. (WASSERMAN, HOLBERT e BLIKSTEIN, 2020)⁶

A pesquisa que pretendíamos realizar era de intervenção, de caráter qualitativo, visando à motivação para a prática de produção de texto, uma vez que propõe um trabalho com foco no interlocutor.

A suspensão das atividades escolares presenciais nas escolas públicas estaduais de ensino devido à pandemia da Covid-19 fez com que a Secretaria Estadual de Educação implementasse uma nova modalidade de ensino, o ensino remoto. Inicialmente os alunos recebiam mensalmente um caderno de atividades denominado Plano de Estudo Tutorado (PET). Da forma como conseguíamos, seja por aplicativos de mensagens, ligações telefônicas, comunicados via rádio, eu e os demais professores da escola entrávamos em contato com os alunos para prestar alguns esclarecimentos. E assim fizemos durante o ano de 2020.

Iniciamos o ano letivo em 2021 com uma nova ferramenta de ensino, o aplicativo Conexão Escola, desenvolvido pela SEE/MG, com o intuito de possibilitar a interação entre professor e aluno. Porém, segundo dados da secretaria escolar, cerca de 80% dos alunos da

⁶ Disponível em: <https://www.nydailynews.com/opinion/ny-oped-coronavirus-infect-education-20200408-tasi4zfbozcxlgq34f22rk4zwm-story.html>. Acesso em: 09, set, 2021.

Escola Estadual João Pinheiro não realizavam as atividades pelo aplicativo. As justificativas são diversas: não possuem aparelho celular, no caso de alunos do ensino fundamental o aparelho celular geralmente é da mãe e é usado por todos os filhos, a conexão não é boa, não têm computador, o acesso à internet é restrito, conseguiu um trabalho e não dá para participar das aulas...

Diante deste contexto e do amparo legal previsto na Resolução n. 003/202048, de 02 de julho de 2020, do Conselho Gestor do PROFLETRAS, que abriu uma exceção em relação à aplicação presencial dos trabalhos em sala de aula, até então de caráter obrigatório, é que este trabalho passou a ser de caráter propositivo. Porém, mantivemos as mesmas perspectivas, como se fôssemos realmente aplicá-lo.

3.4 O modelo de sequência didática

É essencial lembrar que quem escreve, escreve com uma finalidade e tem sempre um interlocutor, ainda que seja o próprio escritor, conforme menciona Góes e Smolka (1922, p. 55), “ao escrever, o sujeito enuncia o seu pensamento, com algum propósito, para si ou para o outro, configurando ou uma auto-orientação ou uma relação entre sujeitos”.

Por sua vez, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) acreditam na eficácia do ensino da Língua Portuguesa através dos textos, por isso, sugerem o trabalho da língua pautado nos diferentes gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos.

Para o ensino dos gêneros na sala de aula, os autores formulam um modelo didático que tem por objetivo entender às particularidades de cada gênero, embasado em estudos e teorias já desenvolvidos por pesquisadores da área. Dentre os estudos, podemos citar os PCNs⁷.

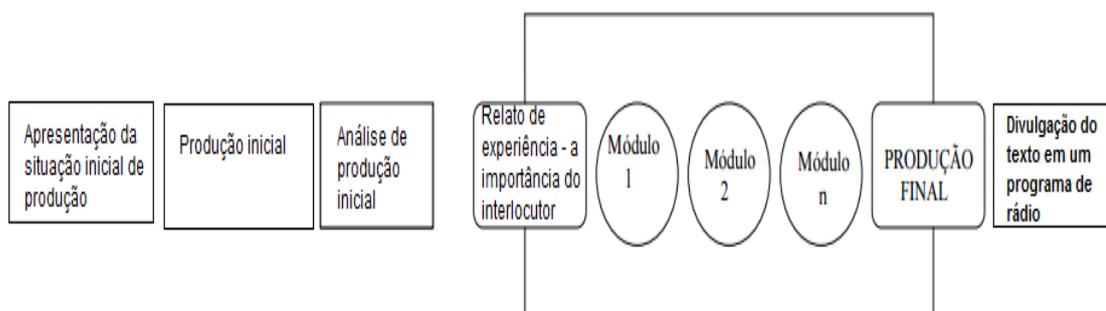
É nesta ambiência que pensamos ser necessário nos debruçarmos sobre a teoria proposta por Dolz e Schneuwly (2004), uma vez que esses autores fundamentam as orientações dos PCNs (1998) e, ainda, sugerem como fazer, como pensar e como trabalhar os diferentes gêneros na sala de aula.

Pautados na importância do ensino dos gêneros por meio de sequência didática (SD) consoante a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), produzimos uma sequência didática, com a inserção de alguns espaços no intuito de aproximar ainda mais as atividades ao contexto da turma, aprimorando a metodologia.

⁷ Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal que orientam a educação no Brasil.

interlocutor, no tocante à importância do interlocutor como estímulo à produção textual, e o segundo espaço, *Divulgação do texto em programa de rádio*, criado com o propósito de concretizar a experiência da produção textual pensada no interlocutor.

Figura 5: Esquema da Sequência Didática



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Após a análise da produção inicial, é provável que alguns alunos se sintam desanimados a prosseguir com a produção. À medida que são apontadas as falhas, o aluno tende a desistir. No intuito de evitar a desistência, o relato de experiência torna-se imprescindível.

Para esse módulo propomos um encontro com duas ex-alunas da escola que tiveram seus textos publicados em um livro. Saber que pessoas próximas a eles também vivenciaram o processo de escrita textual até chegar à etapa de divulgação, certamente serve como estímulo para que continuem a persistir até chegar à etapa de divulgação do texto.

A partir desse módulo voltado para a motivação, os módulos seguintes consistem na ampliação dos conhecimentos sobre crônica, na reescrita e na análise dos textos, segundo critérios pré-estabelecidos, produção final e etapas de divulgação.

É importante destacar que denominamos um dos módulos como “Módulo N”, para possibilitar a inserção de atividades de acordo com a necessidade observada pelo professor, não sendo definida quantidade de aulas ou conteúdos trabalhados.

Por se tratar de uma sequência didática que contempla um número considerável de aulas e envolve etapas fora do ambiente escolar, consideramos importante que todos os envolvidos sejam informados sobre o processo. Para tanto, optamos por manter aqui a apresentação do projeto, para fins de conhecimento e de orientação.

3.4.1 Roteiro para aplicação do projeto

A apresentação do projeto de pesquisa à comunidade escolar foi dividida em duas etapas, sendo elas:

1ª Etapa – Gestão, corpo docente e demais servidores da escola

A apresentação do projeto será feita durante a reunião de Módulo II⁸, previamente agendada pela equipe pedagógica da escola. Serão exibidos slides com informações sobre o projeto, dando destaque aos objetivos e à metodologia de trabalho adotada. Considero importante o fato de todos os servidores da escola terem conhecimento sobre a realização do projeto, por ser uma forma de conscientização para os alunos de que a escola só faz escolarização quando todo o grupo trabalha em sintonia. Tal fato servirá como motivação para a realização das atividades propostas, haja vista que os alunos poderão ser questionados pelos servidores sobre o andamento do projeto. Questionados não no sentido de cobrança, mas sim, de expectativa pelo resultado, ou seja, um leitor à espera do texto.

Para que os alunos produzam textos que realizem a interação pela linguagem, é fundamental o envolvimento de toda a comunidade escolar.

2ª Etapa – Apresentação aos discentes e seus responsáveis

A data e o horário da apresentação serão previamente agendados pela equipe pedagógica e informados aos alunos e seus respectivos responsáveis através de carta convocatória.

Para a apresentação do projeto serão utilizados recursos de multimídia (Datashow, caixa de som) e uma cartilha explicativa impressa, contendo os objetivos do projeto e o cronograma de execução das atividades. O principal objetivo dessa cartilha é fazer com que os responsáveis ficassem atentos a todas as etapas do projeto, podendo, assim, perguntar ao filho sobre as atividades e demonstrar o seu interesse. Outro fator importante é o período de divulgação dos textos na rádio. Além de ser uma forma de divulgação do trabalho dos alunos fora do ambiente escolar e familiar, acredito na possibilidade de a cartilha servir como instrumento para os pais divulgarem os trabalhos dos filhos, isso fará com que aumente o público espectador do programa de rádio.

Após a apresentação do projeto e o esclarecimento das possíveis dúvidas, serão entregues os documentos a serem assinados: Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

⁸ Módulo II são reuniões de atividades extraclasse, de caráter coletivo.

O propósito da realização do projeto de pesquisa é fazer com que os alunos se interessem pela prática da produção textual. Devido ao estilo simples, divertido, breve, e à possibilidade de fazer o indivíduo amadurecer a sua visão de mundo, o gênero crônica é peculiar para incentivar, motivar e promover estratégias adequadas para o trabalho de produção textual.

3.5 Apresentação da sequência didática

As atividades propostas nesta sequência didática concretizam os princípios metodológicos e viabilizam o trabalho em sala de aula.

Dividida, a princípio, em 12 módulos conforme quadro a seguir, cada módulo contemplará um determinado número de aulas, podendo sofrer alterações no decorrer da execução do projeto.

Quadro 1 – Divisão Dos Módulos - Aulas

Descrição Do Módulo	Números De Aulas Previstas
Módulo 1 - Apresentação inicial da situação de produção	11 aulas - duração de 50 minutos cada aula
Módulo 2 - Conhecendo o veículo de divulgação- Visita à rádio do município. Lançamento do concurso “Ouça a minha voz”, para definir o locutor ou os locutores das crônicas.	Etapa proposta para o contraturno
Módulo 3 - Produção inicial - A relevância do tema	4 aulas - duração de 50 minutos cada aula
Módulo 4 - Análise da produção inicial	3 aulas - duração de 50 minutos cada aula
Módulo 5 - Relato de experiência - A importância do interlocutor	2 aulas - duração de 50 minutos cada aula
Módulo 6 - Um pouco mais sobre crônica	1- aula - duração de 50 minutos
Módulo 7 - Reescrita dos textos	2 - aulas - duração de 50 minutos cada aula
Módulo 8 - Análise dos textos - “Botar reparo”	3 aulas - duração de 50 minutos cada aula
Módulo 9 - Produção final - Passando a limpo	1 aula - duração de 50 minutos
Módulo 10 - “De quem será a voz ?”	Etapa proposta para o contraturno - Definição do locutor ou locutores para as crônicas, vinheta para o programa, definição de dia e horário.
Módulo 11 - Divulgação dos textos em rádio	Não há possibilidade de definição do tempo em aulas, pois o programa poderá ser exibido fora do horário de aula, havendo momentos para

	acompanhar a divulgação dos textos na rádio.
Módulo 12 – Compartilhamento dos resultados ● Produção de podcast	Não há possibilidade de definição do tempo em aulas
Módulos adicionais	

Módulo 1 – Apresentação inicial da situação de produção -

Objetivos: Conhecer e/ou ampliar os conhecimentos sobre gênero, refletir e analisar os temas abordados nas crônicas.

Aulas - 1 e 2 (Sugestão: aulas geminadas para que não haja quebra de raciocínio)

As atividades serão realizadas dentro da sala de aula. Os alunos, sentados em duplas, de livre escolha, receberão 3 (três) textos do gênero crônica.

Crônica narrativa – Um Pé de Milho – Rubem Braga

Crônica reflexiva – Hashtag me amem – Tati Bernardi

Crônica humorística – Amores Virtuais⁹ – Juliano Martinz

Os alunos farão a leitura silenciosa dos textos para, em seguida, selecionar um deles para o trabalho a ser desenvolvido. Após a escolha da crônica, serão formados grupos, sendo três grupos no total, um grupo para cada crônica. Caso muitos alunos façam a opção pela mesma crônica, o mais viável será fazer uma subdivisão dos grupos. Os alunos deverão discutir entre eles o porquê da identificação com a crônica escolhida, indicar um colega ou dois para fazer a leitura em voz alta e, posteriormente, apresentar os elementos que influenciaram na escolha, bem como a opinião deles sobre o tema/assunto tratado na crônica.

Definir o tempo para cada apresentação, aproximadamente 10 minutos, é o suficiente para leitura e apresentação, visto que os alunos já identificaram alguns pontos durante a primeira leitura. A definição do tempo é importante para que os alunos não fiquem dispersos e percam o foco da atividade. Durante a apresentação, farei anotações sobre as observações feitas pelos alunos. Encerrada essa etapa, as anotações serão escritas no quadro para que possam ser identificadas algumas características e finalidades do gênero crônica.

⁹ Fonte: <https://corrosiva.com.br/cronicas-engracadas/amores-virtuais/> Acesso em: 09 set. 2021.

Aula - 3 Historicidade do gênero Crônica

Para favorecer a identificação das primeiras características do gênero crônica, apresentarei, por meio de slides,¹⁰ uma breve história do gênero: “Da origem aos tempos atuais”, abrindo espaço para questionamentos e curiosidades. A apresentação será por meio da exibição dos textos em PowerPoint - com uso de Datashow. O propósito é mostrar aos alunos, de forma breve, a origem da crônica, desde a de Fernão Lopes, passando por Rubem Braga, Dinah Silveira aos escritores da atualidade, como Cristovão Tezza, Mia Couto e tantos outros; percorrendo folhetins, jornais impressos, rádios, livros, até os veículos mais atuais, veiculados em formato de texto e as versões em podcast, divulgadas em diversos sites e redes.

Aulas 4 e 5 – Conhecendo de perto os veículos de divulgação – A começar pelo jornal impresso

Na cidade de São Pedro do Suaçuí, não há assinantes de nenhum jornal, nem mesmo a escola recebe exemplares. Também não há nenhum jornal produzido na região. Portanto, muitos alunos nunca tiveram a oportunidade de folhear um jornal e buscar assuntos de seu interesse ou que, porventura, pudesse despertar-lhes interesse.

Para favorecer o contato dos alunos com o jornal impresso, farei a aquisição de alguns exemplares – sendo 7 cadernos completos, edições de uma semana. A turma será conduzida ao pátio da escola, pois os alunos serão distribuídos em sete grupos. O fato da sala de aula ser pequena e a turma ser composta por 34 alunos, torna o deslocamento imprescindível. Os alunos irão manusear os jornais de forma espontânea, por alguns minutos, sendo que esse momento é importante para que percebam os diversos gêneros que compõem um jornal e para que leiam algo que lhes desperte o interesse. Passados em média 10 minutos, os alunos deverão localizar uma crônica no jornal. Esse é um momento de apreensão, pois somente um grupo encontrará a crônica, já que esta é veiculada apenas na edição de domingo. Após a localização da crônica, vão discutir sobre o porquê da divulgação somente aos domingos, sendo que, posteriormente, a discussão servirá de base para a análise do melhor dia e horário para a divulgação dos textos produzidos por eles.

Entregarei a cópia (folha xerocada) da crônica encontrada pelo grupo aos demais alunos, para que acompanhem a leitura. Juntamente ao texto, será entregue uma segunda folha para ser preenchida após análise da crônica em destaque. A leitura deverá ser realizada por um

¹⁰ Fonte: https://www.canva.com/design/DAEhM8O1CiE/c6JpiHQ4Icrm7S3zCxnu4A/view?utm_content=DAEhM8O1CiE&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishpresent Acesso em: 09 set. 2021.

representante do grupo que encontrou a crônica no jornal, sendo este leitor indicado pelo próprio grupo. O propósito é que as atividades sejam realizadas tranquilamente, sem imposição, isso faz com que todos se sintam à vontade e as atividades passem a ser realizadas de forma prazerosa.

Após a leitura, será proposto aos alunos que identifiquem as características mais genéricas da crônica, com base na análise da crônica anterior. Assim, eles perceberão se há mudança do tema, do foco narrativo, da linguagem, dentre outras possibilidades. As observações deverão ser registradas conforme as orientações contidas na folha de anotações. Sabe-se que grande parte dos alunos não demonstra muito interesse em preencher fichas. Assim sendo, faremos um desafio oral (Se vira nos 30), para que, posteriormente, eles registrem as anotações na ficha.

“**Se vira nos 30**” – Usando um aplicativo de celular será realizado um sorteio com o nome dos alunos. Os alunos sorteados terão 30 (trinta) segundos para responder oralmente algumas perguntas contidas na ficha. Quando o aluno acertar todas as perguntas, ele ganhará o prêmio que pode ser uma guloseima. Espera-se que, desta forma, os alunos não vejam essa atividade como algo monótono e façam o registro de forma prazerosa, atentando-se para o que está sendo solicitado.

Quadro 2 – Anotações das características genéricas das crônicas

Título da crônica: _____
Autor: _____
Tema/Assunto: _____
Veículo de divulgação: _____
Foco narrativo (1ª pessoa ou 3ª pessoa): _____
Tipo de linguagem: _____
Objetivo: _____

Ainda com o jornal em mãos, darei início a uma conversa sobre os veículos de publicação de textos. O objetivo é fazer com que os alunos percebam o importante papel do leitor, que o texto tem que ter um público, um destinatário, e, para tanto, é importante a escolha do veículo adequado ao seu perfil. A partir dessa discussão, mostrarei a importância do veículo

de divulgação escolhido para a veiculação dos textos que serão escritos por eles. Na região não há um jornal, e ainda que tivesse, não teríamos a certeza da divulgação dos mesmos. O programa na rádio do município possibilitará o acesso dos familiares, dos amigos e de toda a comunidade aos textos escritos por eles, despertando no leitor-ouvinte as emoções esperadas pelo escritor, bem como outras que, muitas vezes, são indescritíveis e/ou imprevisíveis.

Aulas 6 e 7- A relação entre os gêneros - Da notícia para a crônica

A atividade será realizada dentro da sala de aula. No Datashow será apresentada a crônica: “Na terceira margem do rio se foi um sonho”

Figura 6 – Print da tela do Jornal Opção



Fonte: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/na-terceira-margem-do-rio-se-foi-um-sonho-192782/>

Na terceira margem do rio se foi um sonho

quarta-feira 26 junho 2019 20:04

Por Elisama Ximenes¹¹

“Tem a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” (Guimarães Rosa, A Terceira Margem do Rio)

(Imagem retirada pelo fato de ser muito impactante)

Rios são poéticos por si só. Suas águas ligeiras, capazes de levar consigo o inimaginável em um único mergulho, podem deslumbrar e, ao mesmo tempo, assustar. O pai em A Terceira Margem do Rio percebeu tamanha complexidade e tomou ousada

¹¹ Elisama Ximenes é articulista do Jornal opção. Na crônica “Na terceira margem do rio se foi um sonho” a autora relaciona o fato narrado na crônica com o conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa.

decisão: viver em uma canoa no meio daquela imensidão de água.

O filho, por sua vez, por mais que num primeiro momento quisera acompanhar-lhe, ficou. A saudade e incompreensão também. A mãe vestiu-se de um misto de raiva com vergonha. Um trio — pai, mãe e filho — e um cenário — o rio. Nem Guimarães Rosa poderia imaginar que esse mesmo combinado de um de seus mais famosos contos poderia protagonizar uma história tão trágica como a que se viu no dia 25 de junho de 2019.

Um migrante de El Salvador e sua filha de quase dois anos de idade morreram afogados, quando tentavam atravessar o Rio Bravo, na altura da cidade de Matamoros, em Tamaulipas, no México. Duas perdas na luta dos sonhadores por uma vida nos Estados Unidos, que ousaram enfrentar a bravura das águas.

A mãe, na outra margem do rio, via tudo acontecer. A bravura do rio a expulsou de suas furiosas águas. Seu esposo tentava salvar a filha, colocando-a sob sua camiseta. Mal sabia que logo à frente talvez precisasse de uma camiseta para proteger a si também.

Os três tinham um único objetivo: chegar ao lado americano. Óscar Martínez Ramírez, 25 anos, era cozinheiro em El Salvador e sonhava em uma vida melhor para ele, a esposa, Tânia Vanessa Ávalos, de 21, e a filha, Valéria.

Óscar atravessou a menina e a deixou lá para buscar Tania. Valéria, temendo o abandono do pai, se jogou no rio. Foi aí que ele teve que voltar e tentar salvar a filha. A história foi contada pela mãe à polícia, aos gritos e às lágrimas.

O Rio Bravo levou sua família e com ela ficaram, assim como com o eu lírico do conto de Guimarães, a saudade e a incompreensão. A avó de Valéria contou à Associated Press: “Ele a colocou em sua camisa e imagino que tenha dito a si mesmo: ‘cheguei até aqui’ e decidiu seguir com ela”.

Ao contrário do pai isolado na canoa em meio ao rio, Óscar agarrou-se à sua cria e fez da camisa canoa. Que as águas os levassem. Para a vida ou para a morte. A imagem viralizada após isso responde: a morte.

Corpos que vivem na fronteira e morrem na fronteira. Naquela que divide o desenvolvido do subdesenvolvido, o rico do pobre, o realizado do sonhador. À primeira margem, a mãe desolada, à segunda, o pai e a filha mortos e, à terceira, levados pelas correntezas, os sonhos jamais conquistados.

Após a leitura da crônica, abrirei espaço para que os alunos expressem os sentimentos e emoções em relação ao texto lido. O momento é oportuno também para fazer um breve comentário sobre o conto de Guimarães Rosa, citado no texto.

Os alunos serão questionados quanto ao veículo de divulgação do texto “Na terceira margem do rio se foi um sonho”.

Espera-se que alguns alunos relatem ter assistido na televisão ou lido na internet a notícia relacionada à crônica. Caso haja esse comentário ou mesmo que eles não comentem, apresentarei no Datashow a notícia sobre o fato retratado, veiculada no portal G1, em 26 de junho de 2019.

Figura 7 – Print da tela do Portal G1



Óscar Alberto Martínez Ramírez, a mulher Tania Vanessa Ávalos e a filha do casal, Valeria, em fotos retiradas de redes sociais - Foto: AP

Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/26/pai-salvadorenho-e-filha-morrem-ao-atravesar-rio-na-tentativa-de-chegar-aos-eua.ghtml>

Figura 8 - Print da tela do Portal G1

Oscar Alberto Martínez Ramírez, a mulher Tania Vanessa Ávalos e a filha do casal, Valeria, em fotos retratadas de redes sociais — Foto: AP

A mulher dele e mãe da menina, Tania Vanessa Ávalos, contou ao jornal mexicano "La Jornada" que ele pegou a pequena Valeria nos braços, fez a travessia e a deixou em terra firme em segurança. Porém, ele voltou para ajudar a mulher.

Ao ver o pai se afastar, a criança se jogou na água. Ele voltou e conseguiu segurá-la, mas não resistiu à forte correnteza. A mãe viu o momento em que os dois submergiram.

As buscas duraram cerca de 12 horas e os corpos foram encontrados a cerca de 500 metros do local onde foram vistos pela última vez.

Pai e filha foram encontrados juntos, unidos pela camisa preta que Óscar Alberto vestia, Valeria estava com o braço em volta do pescoço do pai.

Rosa Ramirez, mãe de Óscar e avó de Valeria, disse que a última vez que recebeu mensagem do filho foi no sábado (veja no vídeo abaixo a entrevista).

"Ele disse: 'Mamãe, te amo. Cuide-se porque estamos bem aqui. Quando li a mensagem, não sei, senti vontade de chorar, porque senti aquilo como um tipo de despedida'", afirmou Rosa.

Mãe de homem morto em travessia fala sobre a última mensagem enviada por ele

El Salvador, o país de origem da família, é um dos mais violentos do mundo. Gangues com milhares de membros dominam as ruas da capital.

Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/26/pai-salvadorenho-e-filha-morrem-ao-atravesar-rio-na-tentativa-de-chegar-aos-eua.ghtml>

Após a leitura da notícia, será proposta uma atividade sobre a relação entre a notícia e a crônica.

Atividades

1. A que gêneros textuais pertencem os textos lidos?

Resposta esperada: O primeiro texto é uma crônica e o segundo texto é uma notícia.

2. O que a crônica e a notícia lidas têm em comum?

Resposta possível: Ambas abordam o mesmo assunto e foram divulgadas em um mesmo veículo (jornal online).

3. Qual é o assunto abordado nos textos?

Resposta possível: A morte de pai e filha na travessia de um rio, na tentativa de entrar nos Estados Unidos.

4. Em qual veículo os textos foram publicados?

Resposta possível: Ambos foram publicados em um jornal online.

5. Estes textos poderiam ter sido publicados em outros veículos? Caso a resposta seja positiva, quais seriam?

Resposta possível: Sim. Poderiam ter sido publicados em jornais impressos, revistas, em programas de rádio e televisão. E, no caso da crônica, em livros.

6. Você gostou da crônica? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal.

7. A linguagem utilizada na notícia é objetiva ou subjetiva? É possível perceber o ponto de vista do autor em relação ao fato apresentado na notícia?

Resposta esperada: A notícia apresenta linguagem objetiva. Não é possível identificar o ponto de vista do autor na notícia, pois ela apresenta a realidade dos fatos, sem inserir julgamento pessoal.

8. A linguagem usada na crônica é de fácil entendimento? Justifique.

Resposta possível: Sim, pois o texto apresenta linguagem simples e adequada ao assunto, como uma conversa com o leitor.

9. Em relação ao foco narrativo da crônica, a autora escreve em primeira ou em terceira pessoa?

Resposta possível: O texto é escrito em terceira pessoa, trata-se de um narrador - observador.

10. Na sua opinião, qual é o objetivo proposto pela autora ao escrever essa crônica: divertir, provocar reflexão, divertir, emocionar?

Respostas possíveis: provocar reflexão e emocionar.

Aulas 8 e 9 – O mesmo gênero, em um “novo” veículo - “Crônicas de ouvido”

Apresentação da história da rádio, exibição do documentário Alô, Memória - 80 anos das Rádios MEC e Nacional".

Figura 9 – Imagem ilustrativa do documentário



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=CU5_elQi9v0.

Após assistir ao documentário, será proposta uma roda de conversa para que os alunos possam fazer considerações sobre ele. É esperado que eles compreendam a grandiosidade dos múltiplos benefícios proporcionados pelos programas de rádio na vida das pessoas, principalmente durante o período em que o rádio foi o principal e, para muitos, durante longa data, o único veículo de comunicação.

Ainda dentro do contexto do papel social que o rádio ocupa, será proposta uma entrevista com o proprietário da rádio, na qual será transmitido o programa de crônicas. Os alunos deverão elaborar perguntas sobre o processo de criação da rádio, desde o surgimento da ideia, passando pela definição do nome, até chegar à versão rádio web. Cabe destacar aqui, a importância de elaborar perguntas relacionadas ao feedback dado pelo público ouvinte. Perguntas como: “A comunidade reconhece a importância da rádio? De que forma demonstram esse reconhecimento?”

Aulas 10 e 11 - Ampliando os conhecimentos sobre o gênero crônica - Conhecendo outras crônicas – O giro de textos

Os alunos, em sala de aula, sentados em círculo, receberão 2 crônicas impressas. Após a leitura silenciosa dos textos, ouvirão outras três crônicas, versão em podcast e uma crônica apresentada em formato de vídeo. As crônicas selecionadas para esta etapa seguem as mesmas tipologias propostas: crônicas narrativas, crônicas reflexivas e crônicas humorísticas.

Crônicas selecionadas:

O homem nu - Fernando Sabino - *versão em áudio*

Aprenda a chamar a polícia - Luís Fernando Veríssimo - *versão impressa*

O paraíso de Dorothy - Dinah Silveira - *versão em podcast*

Meu reino por um pente - Paulo Mendes Campos - *versão impressa*

A última crônica - Fernando Sabino - *versão em áudio - na voz do autor*

Pé de água e sabão - Maranhão Viegas - *versão em vídeo*

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zvjDNzVN4D4> Acesso em: 09 set. 2021.

Link da crônica – O homem nu – Fernando Sabino

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qd9qb7-AE0Y> Acesso em: 09 set. 2021.

Link da crônica – A última crônica – Fernando Sabino

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IPIX7E06has> Acesso em: 09 set. 2021.

Link da crônica Pé de água e sabão - Em vídeo

Disponível em: https://podcasts.apple.com/bz/podcast/o-para%C3%ADso-de-doro_th_y-editada/id1534694586?i=1000502284381&l=es Acesso em: 09 set. 2021.

O paraíso de Dorothy – Dinah Silveira

As crônicas exibidas em áudio/podcast e vídeo também serão disponibilizadas na versão impressa. Encerrada essa etapa de contato com as crônicas, os alunos retomarão as duplas, formadas anteriormente, para a realização da seguinte atividade:

Os alunos deverão escolher uma das crônicas, analisá-la e responder às questões propostas:

1. Qual o tema abordado?
2. Qual o objetivo do tema/assunto abordado?
3. O que eu penso sobre esse episódio (fato a ser narrado) ...
4. Se eu estivesse nessa situação o que eu faria...
5. O que as pessoas dizem sobre esse fato...
6. Esse fato está relacionado com a minha realidade, pois...
7. A crônica é narrativa, humorística ou reflexiva?
8. Qual o foco narrativo (primeira pessoa ou terceira pessoa)?
9. Qual o provável público alvo?
10. Qual o veículo de publicação?
11. Que tipo de linguagem é apresentada na crônica?
12. Qual é ou quais são as personagens?

14. Onde se passa a história?
15. Qual o desfecho da história.
16. O que motivou a opção por essa crônica?

Após a realização das atividades, a correção será feita oralmente e, para finalizar, será proposto um bate-papo sobre o questionamento feito na atividade 16 e sobre os temas das crônicas escolhidas pelos alunos.

A partir do contato com outras crônicas, o aluno perceberá a abrangência do gênero, que todo e qualquer assunto pode virar uma crônica; que, para a escrita do texto, após a definição do gênero e a compreensão sobre a estrutura dele, o primeiro passo é encontrar um tema com o qual ele se identifique, que sinta vontade de expressar sua relação com o tema escolhido.

Módulo 2 - Conhecendo o veículo de divulgação - Visita à rádio do município

Lançamento do concurso “Ouça a minha voz”, para definir o locutor (radiador ou os locutores-radioatores das crônicas.

Essa etapa consiste em uma visita *in loco*. Conduzirei os alunos, em transporte escolar, até à rádio do município, no intuito de conhecerem os equipamentos e todo o funcionamento de uma rádio. A visita será pré-agendada e os alunos serão recebidos pelo proprietário, juntamente com os locutores e demais profissionais que compõem a equipe. Os alunos serão convidados a fazer testes para gravar chamadas, realizar a abertura de programas. Tais propostas são para despertar ainda mais o interesse dos alunos pela rádio. Após esse momento de descontração e interação, será proposto um concurso para a definição de quem será ou quais serão os radioatores - aqueles que farão a apresentação das crônicas no programa.

Após todas as etapas de produção e revisão dos textos será realizada a apresentação oral, que definirá os radioatores. A princípio, a definição ficará por conta dos profissionais da rádio, não sendo descartada a possibilidade de outros colaboradores.

Módulo 3 – Produção Inicial – A relevância do tema

Aula 12 – Apresentação e escolha do tema

As palavras do professor Davi Arrigucci, citadas por Ivan Ângelo ao se referir às crônicas de Rubem Braga, definem com precisão a relação cronista e crônica “a crônica é uma forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo”.

E é essa relação do “Eu com o mundo” que dará sentido à escrita para o aluno. Serão propostos 2 (dois) temas para as produções, contudo, o aluno que, por ventura, quiser tratar de outro tema, terá toda a liberdade para fazê-lo. Afinal, a proposta é escrever algo que seja significativo para o aluno e que, de alguma forma faça sentido para o leitor. Um texto que desperte no leitor emoções, que possa ser um sinal de alerta, que o faça refletir sobre o tema, que cause sensações de alegria e de prazer. É preciso que o aluno se encontre em seu próprio texto, para que suas palavras façam sentido para o outro e alcancem o propósito almejado.

Os dois temas propostos são:

Tema 1: Histórias que o povo conta: o que divertia “nossa gente”.

Tema 2: O cotidiano é multimodal - O cotidiano em 1 minuto

Apresentação do tema 1:

Histórias que o povo conta: o que divertia “nossa gente”.

Tema 1- Assim como em toda cidade do interior, os moradores mais antigos têm muitas histórias para contar e dentre essas histórias as melhores são as de assombração e as de humor.

Para que os alunos se identifiquem com o tema, convidaremos um morador da cidade para contar histórias engraçadas que aconteceram com moradores e visitantes. Posteriormente, serão exibidas algumas imagens relacionadas às histórias contadas pelo convidado, utilizando o Datashow. Desse modo, espera-se que os alunos se divirtam criando, oralmente, possíveis assuntos a partir das imagens apresentadas.

Alguns alunos da turma gostam de contar histórias e de fazer piadas e acredita-se que possam se identificar com esse tema e retratar em seu texto situações vividas por muitos moradores da cidade e, até mesmo, por eles. Refletir sobre a diferença de relacionamento entre as pessoas, as conversas na praça que não existem mais, as visitas de domingo que estão cada vez mais raras, a volta a pé para casa, depois das festas de rua, dentre outras situações que eram corriqueiras em tempos não muito distantes.

Apresentação do tema 2:

O cotidiano é multimodal - O cotidiano em 1 minuto

Tema 2: A proposta é que os alunos tenham acesso a várias imagens, e que essas imagens possam ajudá-los na escolha do tema sobre o qual irão escrever. Para estimular os alunos, as

situações cotidianas serão apresentadas através de um vídeo minuto. O vídeo minuto é uma produção cultural intencional, direcionada a uma situação de interação específica e, agora, um gênero previsto para o currículo de Língua Portuguesa.

Aulas 13 e 14 - PRODUÇÃO INICIAL – PRIMEIRAS LINHAS

Escolhido o tema e o episódio sobre o qual quer escrever, é preciso que o aluno escolha o propósito/objetivo da narrativa e o foco narrativo que lhe agrade e que se adeque ao episódio escolhido. Será entregue aos alunos um roteiro, baseado nas questões da atividade anterior, para que não se sintam tão apreensivos ao esboçar as primeiras linhas. Junto com o roteiro, cada aluno receberá um caderno, para a escrita do texto. Após cada escrita, os cadernos serão recolhidos e os textos analisados. A ideia é que os textos não sejam apagados para fazer a reescrita, mas que fiquem registrados no caderno para que o aluno perceba sua evolução. Se o texto for escrito em folhas separadas, corre o risco de o aluno esquecer a folha em casa, perdê-la e, conseqüentemente, se sentir deslocado na sala de aula.

Roteiro

1. Escolher o tema/assunto:
2. O que eu penso sobre esse episódio (fato a ser narrado) ...
3. Se eu estivesse nessa situação o que eu faria...
4. O que as pessoas dizem sobre esse fato...
5. Esse fato está relacionado com a minha realidade, pois...
6. Definir o foco narrativo (primeira pessoa ou terceira pessoa)
7. O público alvo já está definido.
8. O veículo de publicação também já está definido.
9. Defina o seu propósito enunciativo, que reação você quer causar no leitor-ouvinte. É importante que você consiga relatar aqui o que você espera que o seu texto cause no leitor.
10. Não se esqueça de que a linguagem é coloquial (bem próxima a uma conversa com o leitor. Mas a escrita deverá obedecer às regras ortográficas.
11. Em relação à personagem ou às personagens, são reais ou inventadas? Se você é uma personagem, atente-se ao foco narrativo.
12. O cenário (espaço, ambiente) é peça chave na crônica. Onde se passa a história?
13. Não se esqueça de que toda história tem um desfecho.
14. Seu texto precisa de um título, mas deixe-o por último.

Módulo 4 - Análise da produção inicial

Aulas 15,16 e 17

A primeira análise será feita no intuito de ter uma visão global de cada texto. Analisar o nível de entendimento dos alunos em relação à estrutura do gênero crônica, localizar no texto as marcas da subjetividade. É fundamental a atuação subjetiva do aluno-autor. A partir desse levantamento é que a aula seguinte será elaborada, baseada na demanda apresentada nos textos. Farei anotações referentes à análise de cada texto em meu diário.

Uma das propostas para essa aula é a exibição do vídeo disponível no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=rjHJT2WwVtg>. E, posteriormente, uma revisão sobre as figuras de linguagem.

Os textos serão devolvidos para que os alunos façam uma releitura em casa e anotem possíveis falhas percebidas após as explicações da aula anterior.

Módulo 5 - Relato de experiência - A importância do interlocutor

Aulas 18 e 19

Essa etapa visa à motivação dos alunos para a produção textual. As ex-alunas Mariana Ayssa e Ana Clara, hoje alunas do 3º ano do Ensino Médio, no IFMG-SJE, contarão, em uma roda de conversa, a experiência de terem seus textos publicados no livro “Vó, me conta”, que foi organizado por duas professoras do Instituto Federal de Educação - São João Evangelistas, estando em sua quinta edição. Elas devem abordar todas as etapas (escrita e reescrita) até o momento da divulgação do livro.

Módulo 6 - Um pouco mais sobre crônica

Aula 20

Leitura e análise da crônica “Sua excelência, o leitor”, do escritor Cristovão Tezza.

Módulo 7 - Reescrita dos textos

Aulas 21 e 22

Acompanharei individualmente esse processo de reescrita. Enquanto os alunos realizam a atividade, estarei circulando entre eles e auxiliando-os, quando solicitarem ou quando a dificuldade for perceptível.

Módulo 8 - Análise dos textos - “Botar reparo”

Aulas 23, 24 e 25

Análise dos textos de acordo com a grade proposta por uma das autoras do livro: “Avaliação Do Texto Escolar – Professor-leitor/Aluno-autor”

Chegou o momento, conforme propõem as autoras, de “botar reparo” nos textos. Ou seja, a avaliação do texto envolve uma leitura interpretativa, o que requer um leitor com disposição e em condições de cooperar, de entrar no jogo interlocutivo.

A grade de avaliação será fixada no caderno e, a partir das anotações feitas, os alunos tirarão as dúvidas individualmente e partirão para a próxima etapa.

Quadro 3 – Grade de Avaliação

Nº	GRADE DE AVALIAÇÃO	AS*	AP**	NA***
1.	Adequação e respeito ao que é solicitado na atividade proposta. (Nem sempre o aluno escreve na direção apresentada, tanto do conteúdo quanto do gênero)			
2.	Texto organizado de acordo com o gênero, o suporte, o público alvo e o objetivo da interação do texto narrativo ficcional. (Aqui refere-se à estrutura, linguagem, etc. dos gêneros, no caso, da crônica)			
3.	Enunciador: o produtor assume o papel de escritor da crônica, apresentando sua visão de uma realidade ficcional;			
4.	Propósito (objetivo do texto): contar uma aventura, vivida por personagens, envolvendo o leitor na trama, ou refletir sobre um fato do cotidiano.			
5.	Presença de personagens protagonista ou antagonista e de secundários que sustentam os fatos narrados, se necessário.			
6.	Emprego adequado tanto do foco narrativo (primeira ou terceira pessoa), quanto de seu ponto de vista (interno ou externo, narrador total ou parcialmente onisciente; narrador personagem ou narrador testemunha).			

7.	Texto com sequência lógica, isto é, com encadeamento compreensível do fluxo do que é narrado (<i>entender qual é a lógica que o produtor imprimiu na narrativa, e não se segue uma sequência canônica de princípio, meio e fim.</i>)			
8.	Apresentação do cenário da narrativa, com elementos que situam o espaço e o tempo.			
9.	Proposição clara e verossímil do problema, do conflito a ser resolvido na narrativa (<i>problematização</i>).			
10	Elaboração de um desfecho compatível com o que está sendo narrado (<i>se houver quebra, analisar se é uma ruptura consciente para causar algum impacto</i>)			
11.	Uso adequado das pessoas do discurso, de acordo com o grau de implicação do narrador do texto (<i>narrador observador</i>).			
12.	Uso coerente do discurso direto, com transcrição direta da fala do personagem			
13.	Emprego coerente do discurso indireto, com incorporação da fala do personagem ao próprio discurso do narrador, em geral introduzida por conjunção e verbo de locução.			
14.	Emprego adequado de travessões, dois pontos, aspas e exclamações na reprodução das falas dos personagens			
15.	Uso adequado dos verbos de elocução (<i>dizer, falar, perguntar etc.</i>), para introduzir a fala dos personagens.			
16.	Marcas de ordenação temporal dos acontecimentos (<i>ordenação linear ou cronológica, retrospecção, prospecção</i>).			
17.	Emprego coerente do pretérito imperfeito do indicativo para expressar algo em processo, em desenvolvimento, ou continuidade ou ainda ação planejada que não foi completamente finalizada.			
18.	Adequação vocabular ao texto do discurso do domínio narrativo e à proposta comunicativa.			
19.	Título coerentemente construído e adequado à situação comunicativa da narração.			
20.	Atendimento ao papel de provocar o leitor a pensar sobre um dado da vida.			

Legenda:

*AS - acerta sempre

**AP – acertou parcialmente

***NA – não acertou

Fonte: Grade de avaliação elaborada pela Professora Leiva de Figueiredo Viana Leal.

Módulo 9 – Produção final - Passando a limpo

Aula 26

Os alunos farão a reescrita dos textos, deixando-os prontos para a divulgação.

Módulo 10 – “De quem será a voz”

Essa etapa consiste na definição do vencedor ou vencedores do concurso para escolha do(s) radioator(es), e será realizada no contraturno. Após o resultado, juntamente com os colaboradores da rádio, serão definidas as produções da vinheta para divulgação do programa, a chamada para o programa, bem como o dia e horário do programa que receberá o nome “Crônicas de ouvido”.

As etapas também deverão ser realizadas no contraturno, preferencialmente na rádio. Espera-se que essas produções sejam concluídas em três ou quatro encontros, sob a minha coordenação.

Módulo 11 - DIVULGAÇÃO DOS TEXTOS EM RÁDIO –

Programa “Crônicas de ouvido”

Definidas a vinheta e a chamada para o programa, chega o tão esperado momento da divulgação. Todos os alunos e servidores presentes na escola no momento da estreia do programa serão convidados a interromper seus afazeres e acompanhar a transmissão do programa, em tempo real. O convite será feito mediante autorização prévia da direção.

Módulo 12 – Compartilhamento dos resultados

Nessa etapa, serão avaliados os impactos da exibição do programa de crônicas. Comentários do radialista, vídeos gravados por ouvintes, mensagens divulgadas em redes sociais, posicionamento da direção da escola e demais membros da comunidade escolar, dentre outras possibilidades que poderão surgir.

No último dia do programa de divulgação das crônicas, a proposta é realizar uma confraternização entre todos os envolvidos no projeto. Na oportunidade, convidarei os alunos para gravarem um podcast relatando como foi a experiência de participar do projeto. Os relatos serão entregues à coordenação pedagógica para posterior exibição e arquivamento, assim como os possíveis registros fotográficos feitos no decorrer do projeto.

Após avaliação dos impactos, as crônicas produzidas ganharão uma versão em podcast para serem divulgadas no meio digital. A posterior produção de podcast é uma forma de “eternizar” e dar maior publicidade às crônicas produzidas pelos alunos, sendo que os podcasts deverão ser divulgados no blog da escola.

Caso a escola não possua um blog, o professor, juntamente com alguns alunos, podem criar um para a escola. Após a divulgação dos podcasts no blog, os demais professores de Língua Portuguesa da escola deverão planejar uma aula com o objetivo de ouvir os podcasts juntamente com os alunos e solicitar que eles façam comentários no blog. É importante que o professor acompanhe os comentários para evitar que usem expressões pejorativas, visto que os alunos deverão ser orientados a fazer elogios ou críticas construtivas.

Os alunos autores das crônicas acessarão o blog e farão a leitura dos comentários. Com a divulgação dos podcasts e a leitura dos comentários, o aluno poderá revisar o texto que escreveu e que foi divulgado, posicionar-se criticamente diante de seu texto e fazer nele adequações ou mudanças que, após todo esse processo, considerar necessárias, certificando-se como protagonista dessa produção final.

4 CONCLUSÃO

As questões da pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho lamentavelmente não puderam ser respondidas, pois o trabalho não pôde ser desenvolvido e nem mesmo o corpus da pesquisa constituído para análise. Desse modo, a intervenção assumiu caráter propositivo.

Retomando o que foi apresentado neste trabalho, a intenção era de lançar mão de um conjunto de atividades para leitura, produção e divulgação de crônicas através do rádio, no intuito de promover maior envolvimento dos alunos na construção de seu conhecimento sobre o gênero crônica, favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico, em relação à consolidação do homem enquanto ser social e histórico.

Cabe ressaltar que as motivações que levaram à realização deste trabalho foram as experiências vivenciadas, durante meu curso de graduação em Letras e em minha prática docente, a respeito das tensões e das dificuldades encontradas para lidar com o processo de produção textual na escola. Nesta pesquisa, apresentamos uma proposta de sequência didática para ser trabalhada com alunos do 9º ano do ensino fundamental, visando o estímulo à produção textual do gênero crônica.

Embasados nos apontamentos feitos anteriormente, podemos considerar os gêneros como ferramentas essenciais no processo de ensino/aprendizagem da língua, independentemente do nível de ensino, pois é por meio dos gêneros que ocorre a interação social. Assim sendo, conhecer suas características e reconhecer a sua função social são habilidades que podem promover uma melhora significativa na capacidade individual do aluno em compreender o que lê e produzir textos de forma significativa.

Ao elaborarmos a sequência didática, acreditamos ser possível a realização de um trabalho efetivo com gêneros textuais/discursivos, pois a sequência didática tem por objetivo auxiliar o aluno a ter conhecimento e domínio sobre os gêneros e, conseqüentemente, utilizá-los em diversos contextos sociais.

Ao associarmos as características do gênero crônica e o contexto social dos alunos à história do rádio, bem como a frequência de escuta e o gosto pelo rádio por parte da maioria dos moradores de São Pedro do Suaçuí, reafirmamos a importância do uso da mídia como ferramenta capaz de auxiliar no processo educativo. Mesmo que o rádio seja um dos mais antigos veículos de informação e interação, em momento algum, é menos importante que as mídias atuais.

Uma vez aplicado o projeto, acreditamos que este trabalho possa contribuir no sentido de promover novas perspectivas de estudos em campos de pesquisa voltados para os Novos Letramentos, no campo de trabalho com gêneros textuais na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BALTAR, M. **Rádio Escolar uma experiência de letramento midiático**. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/MEC, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CÂNDIDO, Antônio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fund. Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22
- FERREIRA, Simone Cristina Salviano. Afinal, o que é a crônica? In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos; FINOTTI, Borges, Luísa Helena Borges; MESQUITA, Elisete Maria de Carvalho (orgs.). **Gênero de texto: caracterização e ensino**. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- FREIRE, PAULO. A educação e o processo de mudança social. **Educação e mudança**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983. p. 16.
- GERALDI, W. (Org). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.
- GERALDI, W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Ed., 2015.
- GÓES, Maria Cristina R; SMOLKA, Ana Luiza B. A criança e a linguagem escrita: considerações sobre a produção de textos. In: ALENCAR, Eunice M.L Soriano (Org.). **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem**. São Paulo, Cortez, 1992.
- LEAL, Leiva de F. Viana. A Formação do Produtor de Texto Escrito na Escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: COSTA, Val; ROCHA, G. (orgs.). **Reflexões sobre práticas de produção de texto na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO (orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Senac, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. **Linguística de Texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola, 2012.

NEUBAUER, A. N. F.; NOVAES, F. D. Leitura e a escrita como forma de desenvolvimento. In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, IX, 2009, Londrina - PR. **Anais...** Londrina: PUCPR, 2009. p. 8101- 8111. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3452_1986.pdf. Acesso em: 09 set. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2009.

ORTRIWANO, G. S. (org.). **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. São Paulo: Com-Arte, 1987.

OSAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Kairós, 1979.

PAULA, Cristiane Dias Gonçalves. **A formação do leitor literário e a dinamização da biblioteca escolar**, 2019. (Manuscrito).

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

THOMÉ, C. **Literatura de ouvido: crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio**. Curitiba: Appris, 2015.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.

WASSERMAN, N.; HOLBERT, N.; BLIKSTEIN, P. Will the coronavirus infect education, too? The risk of a radical shift to online learning after the crisis ends. **New York Daily News**, 08 abril 2020. Disponível em: <https://www.nydailynews.com/opini on/ny-oped-coronavirus-infect-education-20200408-tasi4zfbozcxlgq34f22rk4zwm-story.html>. Acesso em: 02 mai. 2021.

ANEXOS – CRÔNICAS

Anexo A – Um pé de milho, Rubem Braga

Os americanos, através do radar, entraram em contato com a Lua, o que não deixa de ser emocionante. Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho.

Aconteceu que no meu quintal, em um monte de terra trazido pelo jardineiro, nasceu alguma coisa que podia ser um pé de capim — mas descobri que era um pé de milho. Transplantei-o para o exíguo canteiro na frente da casa. Secaram as pequenas folhas, pensei que fosse morrer. Mas ele reagiu. Quando estava do tamanho de um palmo veio um amigo e declarou desdenhosamente que na verdade aquilo era capim. Quando estava com dois palmos veio outro amigo e afirmou que era cana.

Sou um ignorante, um pobre homem de cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança as suas folhas além do muro — e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais — mas é diferente. Um pé de milho sozinho, em um canteiro, espremido, junto do portão, numa esquina de rua — não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas — mas na glória de seu crescimento, tal como o vi em uma noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empinado, as crinas ao vento — e em outra madrugada parecia um galo cantando.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendeu. Há muitas flores belas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem. É alguma coisa de vivo que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. E eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da Rua Júlio de Castilhos.

Crônica extraída da obra *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

Anexo B – Hashtag me amem, Tati Bernardi

Dediquei uns bons minutos pensando em que tipo de homenagem eu faria a Paris nas redes sociais. Por sorte, lembrei que estou há maravilhosos dez dias sem Facebook. Me restava o Instagram. Fiquei em dúvida entre a foto "cores da bandeira francesa na torre Eiffel" e o vídeo "homem que levou o próprio piano para a rua e tocou 'Imagine'". Comecei a me achar um tanto ridícula, um tanto "fazendo o que todos estão fazendo sem nem entender direito o motivo, mas fazendo, porque não fazer, em algum lugar de nossas mentes malucas e viciadas, fica parecendo que somos alienados cruéis" e decidi, uma vez que já estava preparada para me propagandear em forma de pixels e filtros, postar algo nada a ver, algo de minha rotina comezinha, algo fofo apesar deste ano estranho, uma foto da minha cachorra, Chiquinha, com seu novo brinquedo: uma granada de borracha ecológica que não solta pedacinhos e ainda combate tártaros, higienizando os dentes. Ops, me liguei a tempo, seria o fim da minha carreira. Não publiquei nada.

Por que, em tempos de redes sociais, queremos o dia inteiro nos posicionar sobre tudo? Por que brasileiros que viajaram a Paris uma única vez há mais de dez anos e voltaram de lá reclamando do quanto foram maltratados em restaurantes e lojas de repente dedicam um sábado inteiro a comunicar (em inglês?) como amam aquele lugar mais do que tudo e se sentem pessoalmente afetados e choram e pedem #prayforParis? Peraí, rezar não, acabaram de lançar uma hashtag mais moderna e esperta e usada pelos meus amigos mais hypados, que faz justamente uma crítica ao lance de rezar por Paris. Vou trocar.

Daí essas mesmas pessoas, em sua ânsia de pertencimento militante da bondade, em sua urgência de se colocarem como protagonistas vitimadas de qualquer desordem mundial, acreditam que acabaram deixando de lado uma questão ainda mais lamentável, uma vez que é nacional, chamada cidade de Mariana, lugar que possivelmente nunca se deram muita conta de que existia. E então nós, vou me incluir porque também faço isso, escravos das redes sociais e da necessidade de sermos amados e considerados "do lado certo", postamos um pot-pourri com as duas bandeiras dizendo que "uma desgraça não pode anular a outra" e nos sentimos apaziguados até que... Faltou falar das escolas públicas fechadas! Pelo amor de Deus, como eu faço pra provar que dou conta de ser muito bem informada e muito boa pessoa em espaços tão pequenos e curtos e rápidos?

Mas não demoraram a chegar ilustrações que resumiam 234 catástrofes, fossem causadas por humanos ou pela natureza, fossem de hoje ou um resumo do trimestre, em um único desenho. A frase "fazer o bem sem olhar a quem" traduzia o espírito. Já podíamos nos

posicionar a favor da benevolência universal e interestelar sem deixar nadinha de fora! Já poderíamos chorar, enfim, pelo menininho sírio morto sem parecer que estávamos ignorando chacinas em bairros próximos. Até o pesar hoje em dia precisa ser otimizado, se você ficar triste por uma coisa só, será acusado de desumano!

Engajamento não tem fim, bateria do celular, sim. E o pior é que vai ter leitor dando um jeito de entender que estou desmerecendo a gravidade do atentado em Paris, do acidente em Mariana e, principalmente, a importância da espécie humana como um todo. E eu vou querer convencer o universo que sou legal (e vou lembrar que por essa razão me deletei do Facebook e respirar aliviada) e nunca mais sairemos da internet, onde morreremos explicando, em vão, que merecemos ser amados.

Anexo C - Amores virtuais, Juliano Martinz

Chegou à conclusão de que a única forma de encontrar o seu príncipe encantado era por meio de sites de relacionamentos, especializados em unir pessoas com características semelhantes. Moça tímida, recatada, criada sob o rigor de um pai severo, nunca fora de sair, fazer amigos, paquerar. Encontrar um namorado, dentro de casa, assistindo novelas das 6, das 7 e das 8 seria humanamente impossível. Mas chegando perto do fúnebre abismo dos 30 anos, chegou à conclusão de que precisava mudar. E a solução seria acreditar em amores virtuais.

Acessou o site. O primeiro campo a ser preenchido era “Apelido”. Um apelido, meu Deus! Mas que apelido? O apelido de criança? Nem pensar. “Miss Pança” estava fora de cogitação. Assustaria qualquer pretendente. Ela precisava de algo mais quente, mais sugestivo, mas sem ser extravagante demais. Que tal “Donzela em Erupção”? Não era o exemplo perfeito de criatividade, mas não deixava de ser sincero. Se não fosse sincera agora, o que dizer depois de iniciar um relacionamento?

Mas na hora de preencher campos como Idade, Altura e Peso, hesitou. *Sinceridade demais desgasta a relação*, pensou, como uma especialista em relações amorosas. Por isso, diminuiu idade e peso, e aumentou a altura. No campo Cantor (a) Preferido (a), achou que Xuxa ia passar uma imagem ruim. Melhor Elis Regina. *Homens gostam de mulheres cultas*. Livros? Na vida, ela só tinha lido Dale Carnegie. Por isso, arriscou um Patrick *Sufind* – embora ela tentasse se referir a Patrick Süskind – que fora citado em alguma nota da Cláudia, mês passado. No campo Sonho, chegou à conclusão de que se colocasse a verdade (aquela verdade que cultivava ternamente desde seus 12 anos) de que queria casar e ter uma ninhada de 3 ou 4 filhos, ah, aí sim ninguém se interessaria por ela.

No final das contas, havia mudado tantas características, tantas referências, tantas especialidades que a “Donzela em Erupção” poderia ser qualquer pessoa do mundo, menos ela.

Ficou deprimida ao perceber que, se ela agia dessa maneira, ocultando suas características – encaradas como “defeito” sob os exigentes olhos de mulher que imagina estar fadada à vida monástica – e inventando outras qualidades; sim, se ela agia de tal forma, não seria difícil imaginar que outros agiriam da mesma maneira. Em outras palavras: se recebesse o e-mail dum jovem de vinte e poucos anos, atlético, olhos claros, nominado Poeta Coruscante, deveria entender: coroa desorientado, barrigudo, consumidor assíduo de espetinho e ovo cozido no Bar do Joca, e torcedor fanático do Grêmio Maringá.

Pensou melhor. Bem melhor, por sinal. Fechou o navegador sem salvar seu cadastro, e foi assistir emocionada, à mais uma eliminatória de “A Fazenda”.

Anexo D – O homem nu, Fernando Sabino

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um *ballet* grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de

mais um lance de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada:

"Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela.

Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu... A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir. Não era: era o cobrador da televisão.

Anexo E – Aprenda a chamar a polícia, Luís Fernando Veríssimo

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram - me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois liguei de novo e disse com a voz calma:

— Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

—Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

— Pensei que tivesse dito que não havia nenhuma viatura disponível.

Anexo F - O paraíso de Dorothy, Dinah Silveira

Foram tantas as notícias depois do Carnaval, que quase não houve lugar para o caso de Dorothy. Celebra hoje a cronista a aventura dessa radiosa viagem da turista americana. Pela lacônica informação do jornal, soube que Dorothy tinha mais de sessenta anos, e que chegara com aquele bando sequioso de alegria, meio ingênuo, de turistas de navio de luxo. Não houve um retrato de Dorothy. Mas juro como sei descrevê-la. Cabelos grisalhos, saindo de um chapeuzinho de palha muito jovem, com a aba sombreando os olhos de um azul vivo -qualquer coisa de resistência à idade, de protesto às próprias rugas. Direi que Dorothy desceu de bordo com um vestido estampado, tão feliz pelo braço do marido, que mais parecia uma noiva adolescente. Há qualquer misteriosa sedução nessa velhice pura dos anglo-saxônicos.

A vergonha da idade é uma espécie de peso na consciência, de mal que o latino quer esquecer, como se ter sessenta ou setenta é ter pecado sessenta ou setenta vezes sete. Daí a triste brincadeira com os velhos, o ridículo que se faz com eles, se são alegres e engraçados. Mas Dorothy levava seus sessenta com a mesma desenvoltura de quem carrega vinte. E ela adorou, e ela jurou que nunca vira coisa mais linda que o Carnaval do Rio. O que mais a deslumbrou foi uma ideia de sincera alegria geral. Com seu passinho lânguido, empurrado, sorridente, Dorothy perguntava ao marido:

_"Brasil só tem gente bem de Carnaval, gente só alegre e feliz?" o Brasil, para ela, era a maravilhosa terra da abundância, da alegria. Ouvira falar - na pobreza desse enorme país. Mas agora, tudo aquilo que lera em revistas, sobre as doenças e as crises desse país se espumara. O povo parecia riquíssimo. Muita gente punha na rua, para rasgar nos apertos, e descorar sob as chuvas, trajes caríssimos. Era a queima incessante do dinheiro.

Mas a cidade, em peso, parecia ter dinheiro, um rio de dólares, que a assombrava, para despejar com a maior prodigalidade. Dorothy, que vinha de um país onde se bebe bastante, admirava-se vendo muita gente fazer loucuras de bêbado, em estado de absoluta sobriedade. E ria com os "sujos" da rua, e se extasiava com a graça e o requebro das morenas brasileiras.

Havia o calor, a chuva, uma atmosfera densa, pesada, mas nem isso impedia aquela desabalada ânsia de vida do Carnaval. Ela houvera conhecido o Paraíso, a Pasárgada. O país da felicidade, o reino do poeta, onde se pretende a filha do rei. Era um enorme cenário de papelão, essa cidade. Um cenário escondendo misérias, doenças, aperturas de dinheiro, e desapontamentos, mas a turista não sabia. Dorothy, que chegara no sábado de Carnaval, deveria embarcar com os companheiros na quarta-feira. Mas aconteceu que esse alegre coração de sessenta reagiu estranhamente. Há aquele velho ditado -"Ver Nápoles e depois morrer..."

Teria o coração de Dorothy, esse coração de turista, que embrulha histórias e lugares, cometido um engano? Pois ele viu o Rio, sentiu a grande ilusão de um Carnaval, que é a caricatura de uma felicidade coletiva, e deixou de bater, simplesmente. Dorothy morreu de uma síncope cardíaca, justamente na madrugada de cinzas e agora só seu corpo volta à praia. A alma alegre de Dorothy ficou no carnaval carioca, e dele fez - num céu de papelão com estrelas prateadas - sua beleza de fim de vida, seu céu de verdade, seu paraíso procurado.

Anexo G – Meu reino por um pente, Paulo Mendes Campos

Filhos – diz o poeta – melhor não tê-los.

Já o Professor Aníbal Machado me confiou gravemente que a vida pode ter muito sofrimento, o mundo pode não ter explicação alguma, mas, filhos, era melhor tê-los. A conclusão parece simples, mas não era; Aníbal tinha ido às raízes da vida, e de lá arrancara a certeza imperativa de que a procriação é uma verdade animal, uma coisa que não se discute, fora de alcance do radar filosófico.

“Eu não sei por que, Paulo, mas fazer filhos é o que há de mais importante.”

Engraçado é que depois dessa conversa fui descobrindo devagar a melancólica impostura daquelas palavras corrosivas do final de Memórias Póstumas: “não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”. Filhos, melhor tê-los, aliás, o mesmo poeta corrige antiteticamente o pessimismo daquele verso, quando pergunta: mas, se não os temos, como sabê-lo? Resumindo: filhos, melhor não tê-los, mas é de todo indispensável tê-los para sabê-lo; logo, melhor tê-los.

Você vai se rir de mim ao saber que comecei a crônica desse jeito depois de procurar em vão meu bloco de papel. Pois se ria a valer: o desaparecimento de certos objetos tem o dom de conchamar, por um rápido edital, todas as brigadas neuróticas alojadas nas províncias de meu corpo. Sobretudo instrumentos de trabalho. Vai-se-me por água abaixo o comedimento quando não acho minha caneta, meu lápis-tinta, meu papel, minha cola... Quando isso acontece (sempre) até taquicardia costumo ter; vem-me a tentação de demitir-me do emprego, de ir para uma praia deserta, de voltar para Minas Gerais, renunciar... Ridículo? Sim, ridículo, mas nada posso fazer. Creio que seria capaz (talvez seja presunção) de aguentar com relativa indiferença uma hecatombe que destruísse de vez todos os meus pertences.

O que não suporto é a repetição indefinida do desaparecimento desses objetos sem nenhum valor, mas, sem os quais, a gente não pode seguir adiante, tem de parar, tem de resolver primeiro. Stanislaw Ponte Preta andou espalhando que eu usava ventilador para pentear os cabelos. Calúnia. Sou o maior comprador de pentes do Estado da Guanabara. Compro-os em quantidades industriais pelo menos duas vezes por mês, de todos os tamanhos, de todas as cores. Sou quase amigo de infância do vendedor de pentes que estaciona ali na esquina de Pedro Lessa e Rua México.

A princípio, pensou que eu estava substabelecendo o comércio dele, comprando para vender mais caro, mas um dia eu lhe contei minha tragédia familiar, e ele sorriu e confessou: “Lá em casa é a mesma coisa”. Chego em casa com os meus pentes e os distribuo a mancheias.

Dois para você, quatro para você – segundo o temperamento e a distração de cada um. Aviso a todos que vou colocar um no armário do quarto, um no banheiro, um em cada mesa de cabeceira, dois na minha gaveta. Terminada essa operação ostensiva, fico malicioso e furtivo; secretamente, vou escondendo outros pentes por todos os cantos e recantos, debaixo do colchão, no alto de um móvel, atrás do exemplar dos Suspiros Poéticos e Saudades. Em seguida, reúno solenemente toda a família, inclusive o Poppy, tiro do bolso um pente singular, o mais ordinário encontrável na praça, e digo: “Este é o meu pente; este ninguém usa; neste, sob pretexto algum, ninguém toca! Estão todos de acordo? Ou algum dos presentes deseja fazer alguma objeção?” Estão todos de acordo.

A sinceridade do meu clã nesses momentos é de tal qualidade que, por um dia ou dois, tenho a ilusão de que, afinal, venci, de que descobri o approach certo para a família incerta. Mas, meu São Luís de Camões, ó caminhos da vida, sempre errados! Os dias passam, o vento passa a descabelar-nos, e os meus pentes, os meus pentes também passam. Misteriosamente, inexplicavelmente, eles desaparecem, pouco a pouco, com certa malícia, um a um, dois a dois, até chegar o momento dramático no qual, depois de vasculhar todos os meus esconderijos, fico em cabelos no meio da sala e, como Ricardo III em plena batalha, exclamo patético: “Um pente, um pente, meu reino por um pente!”.

Eu não fui – diz o primeiro; – eu não fui – diz o segundo; – eu não fui – diz o terceiro. Poppy, cuja especialidade é comer meias e sapatos, não diz nada, mas abana o rabo negativamente. Não foi ninguém, foi Mr. Nobody, foi o diabo, foi a minha sina. Minha mansão tem apenas três quartos e uma sala. Pois é inacreditável a quantidade de objetos que estão desaparecidos aqui dentro. Um dia, quando me mudar, a gente vai achar tudo. E sorrir um para o outro com uma nostalgia imprecisa, e dizer em silêncio que, filhos, e pais, melhor tê-los.

Anexo H – A última crônica, Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do accidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...”

Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Anexo I – Pé de água e sabão, Maranhão Viegas

A praça já foi do povo.
Hoje espera o tempo passar.
E vazia vai esperando.
Vendo a natureza mudar.
Lidar com o vazio dói.
Esperar o que não se sabe.
Deixar a dor ir embora.
Ver a ameaça passar.
A árvore aponta o caminho.
A natureza em transformação.
Ao invés de fruto, esperança
Para acabar com a contaminação.
O fruto que brota entre os galhos
Enche os olhos de emoção.
Quem tá na rua já sabe que bem ali naquele cantinho,
Tem um pé de água e sabão.

Anexo J – Sua excelência, o leitor, Cristovão Tezza

A primeira diferença que senti entre escrever livros e escrever crônicas trabalho novo para mim, foi a onipresença do leitor. Nunca penso no leitor ao escrever ficção, que se cria numa redoma autossuficiente. É só quando o livro ganha o mundo que o leitor aparece de fato, de carne e osso. A relação entre o leitor de livros e seu narrador é íntima, exclusiva, intransferível, silenciosa, atemporal. O leitor de um livro é sempre um espião abre as páginas do romance, dos poemas, dos contos, como quem espia pelo buraco da fechadura um mundo que não é o seu. Os livros vivem fechados, capa contra capa, esmagados na estante, às vezes durante décadas é preciso arrancá-los de lá e abri-los para ver o que têm dentro. Mesmo à solta, liberto da prateleira, ao acaso da mesa ou da cadeira, a natureza do livro é sempre fechada. Jogue-o no chão: nove vezes em dez ele cairá fechado, como os gatos que, dizem, sempre caem em pé. Se cair aberto, as palavras estarão para baixo. (Não façam o teste em casa, por favor um livro de capa amassada ou dobrada é uma vítima melancólica; é preciso prensá-lo durante 72 horas com um dicionário Houaiss para que ele se recupere, mas sempre ficará a cicatriz.)

Já o jornal são folhas escancaradas ao mundo, que gritam para ser lidas desde a primeira página. A mão do texto puxa o leitor pelo colarinho em cada linha, porque tudo é feito diretamente para ele. O jornal do dia sabe que tem vida curta e ofegante e depende desse ser arisco, indócil, que segura as páginas amassando-as, dobrando-as, às vezes indiferente, passando adiante, largando no chão cadernos inteiros, às vezes recortando com a tesoura alguma coisa que agrada ou o anúncio classificado. Súbito diz em voz alta, ao ler uma notícia grave, "Que absurdo!", como quem conversa. O jornal se retalha entre dois, três, quatro leitores, cada um com um caderno, já de olho no outro, enquanto bebem café. Nas salas de espera, o jornal é cruelmente dilacerado. Ao contrário do escritor, que se esconde, o cronista vive numa agitada reunião social entre textos todos falam em voz alta ao mesmo tempo, disputam ávidos o olhar do leitor, que logo vira a página, e silenciemos no papel. Renascemos amanhã.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Caro(a) aluno(a):

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: **“A ESCRITA DE CRÔNICAS PARA DIVULGAÇÃO EM RÁDIO: UMA PROPOSTA DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO TEXTUAL”**, desenvolvida pela professora Antonieta Aparecida Lima Ciara, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFMG), sob orientação do Professor Doutor Luiz Francisco Dias, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa pretende colocar em prática um conjunto de ações para auxiliar você e seus colegas, alunos do 9º ano da Escola Estadual João Pinheiro, em São Pedro do Suaçuí (MG), a aprimorarem habilidades relativas à leitura e escrita de textos do gênero crônica. Para tanto, propomos um projeto de trabalho que visa ao desenvolvimento da leitura de textos do gênero crônica, por meio de diferentes semioses, o estudo do gênero, a produção textual, e posteriormente a divulgação dos textos em uma rádio do município. As atividades serão desenvolvidas pela professora Antonieta Aparecida Lima Ciara, no primeiro semestre de 2020, no horário regulamentar das aulas, de 07h às 11h25, nas dependências da referida escola.

Você será convidado(a) participar de encontros para leitura literária de crônicas, aulas explicativas sobre a estrutura do gênero, e produzir crônicas para serem lidas em uma das rádios do município. Gostaríamos de registrar em fotografias, vídeos e por escrito algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido.

Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, e as diferentes atividades realizadas no projeto não têm relação alguma com a avaliação da disciplina de Língua Portuguesa. Você é livre, também, para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo. Ao divulgarmos algum dado da pesquisa, garantiremos o anonimato dos participantes do projeto.

Caso surja qualquer dúvida ou problema, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, sala, no telefone: (31) 3409-6045–ou pelo e-mail: ldias@letras.ufmg.br

Uma via deste documento ficará com o(a) participante e a outra com a pesquisadora. Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu, _____ confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e concordo em participar dela.

Assinatura do(a) aluno(a)

Prof. Dr. Luiz Francisco Dias
Pesquisador Responsável - Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais

Professora mestranda Antonieta Aparecida Lima Ciara
Assistente de Pesquisa – Faculdade de Letras –
Universidade Federal de Minas Gerais

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005 -

Campus Pampulha Belo Horizonte – Minas Gerais – CEP: 31270-901

E-mail: coep@prpq.ufmg.br Fone: 3409-4592

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro(a) pai/mãe ou responsável:

Seu (Sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: **“A ESCRITA DE CRÔNICAS PARA DIVULGAÇÃO EM RÁDIO: UMA PROPOSTA DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO TEXTUAL”**, desenvolvida pela professora Antonieta Aparecida Lima Ciara, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFMG), sob orientação do Professor Luiz Francisco Dias, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A pesquisa pretende colocar em prática um conjunto de ações para auxiliar os alunos do 9º ano, da Escola Estadual João Pinheiro, em São Pedro do Suaçuí (MG), a desenvolver a competência de compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. Além de compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

As atividades serão desenvolvidas pela professora mestranda Antonieta Aparecida Lima Ciara, no primeiro semestre de 2020, no horário regulamentar das aulas, de 07h às 11h25, nas dependências da referida escola.

Seu(sua) filho(a) será convidado(a) a participar de encontros para leitura literária de crônicas, estudo do gênero, produção textual, e posteriormente a divulgação dos textos em uma rádio do município. Gostaríamos de registrar em fotografias, áudios, vídeos e por escrito algumas ações das aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido.

Seu(sua) filho(a) não é obrigado(a) a participar da pesquisa e as diferentes atividades realizadas no projeto não têm relação alguma com a avaliação da disciplina de Língua Portuguesa. Ele(a) é livre, também, para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo. Ao divulgarmos algum dado da pesquisa, garantiremos o anonimato dos participantes do projeto.

Caso surja qualquer dúvida ou problema, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, sala, no telefone: (31) 3409 6045 – ou pelo e-mail: ldias@letras.ufmg.br

Uma via deste documento ficará com o (a) participante e a outra com a pesquisadora. Assim, se o(a) senhor(a) se sentir suficientemente esclarecido(a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu, _____, confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e concordo que meu (minha) filho(a) participe dela.

Assinatura do(a) responsável

Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Pesquisador Responsável - Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais

Professora mestranda Antonieta Aparecida Lima Ciara

Assistente de Pesquisa – Faculdade de Letras –

Universidade Federal de Minas Gerais

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005 -

Campus Pampulha Belo Horizonte – Minas Gerais – CEP: 31270-901

E-mail: coep@prpq.ufmg.br Fone: 3409-4592